

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e  
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia  
Período de Análise: janeiro de 2010.**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da Abag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Revista Isto é Dinheiro Rural  
Revista Globo Rural

## Índice

|                                                                                                                                                        |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL .....                                                                                                               | 4  |
| <b>Etanol</b> .....                                                                                                                                    | 4  |
| <b>Cana gera 200 mi em bagaço para etanol celulósico</b> – Sítio Eletrônico da CNA – 06/01/2010.....                                                   | 4  |
| <b>Moagem de cana supera 527 milhões de toneladas</b> – Sítio Eletrônico do CNA – 27/01/2010.....                                                      | 4  |
| <b>Em SP, álcool já perde para gasolina</b> – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 09/01/2010.....                                              | 6  |
| <b>Vale e Bunge fecham acordo para Transporte de etanol por ferrovia</b> – Renée Pereira – Estado de São Paulo – Economia e negócios – 13/01/2010..... | 6  |
| <b>O álcool na gasolina</b> – Estado de São Paulo – Notas e Informações – Editorial – 14/01/2010.....                                                  | 7  |
| <b>Ricardo Mansur compra Segunda usina de álcool</b> – Gustavo Porto - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/01/2009.....                     | 8  |
| <b>Abastecer com álcool deixa de ser vantagem no Estado de SP</b> – Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 09/01/2009.....                     | 9  |
| <b>Os usineiros, sempre os usineiros</b> – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/01/2010.....                                             | 10 |
| <b>Etanol de mandioca</b> – Juliana Costa - Globo Rural – janeiro de 2009.....                                                                         | 11 |
| <b>Equipamentos para usinas terão demanda maior, mas nem tanto</b> - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 05/01/2010.....                | 13 |
| <b>Álcool perde competitividade em SP</b> - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 06/01/2010.....                                         | 14 |
| <b>Alcoitra pode ter primeira usina de açúcar no país</b> - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 07/01/2010.....                         | 16 |
| <b>Múlti quer avançar em açúcar e álcool</b> – Fernando Lopes – Valor Econômico – Agronegócios - 28/01/2010.....                                       | 16 |
| POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS .....                                                                                                             | 19 |
| <b>Etanol</b> .....                                                                                                                                    | 19 |
| <b>Stephanes dá prazo para etanol de normalizar</b> – Sítio Eletrônico da CNA – 06/01/2010.....                                                        | 19 |
| <b>Safra de cana 2009/10 atinge 523 mi/t até dia 01/01 no Centro-Sul</b> – Sítio Eletrônico da CNA – 12/10/2010.....                                   | 19 |
| <b>Plantação de cana cresce sem desalojar alimento, diz estudo</b> – Sítio Eletrônico da CNA – 18/01/2010.....                                         | 20 |
| <b>Estoque regulador de etanol para frear preços</b> – Sítio eletrônico da CNA – 26/01/2010.....                                                       | 21 |
| <b>Etanol–entendendo o Mercado e os preços</b> – MarcosSawayaJank - Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 22/01/2009.....                              | 22 |
| <b>BNDES cria linha de R\$ 2,5 bi para reservas de etanol</b> – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/01/2010.....                            | 24 |
| <b>Governo reduz mistura de álcool na gasolina</b> – Humberto Medina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/01/2010.....                                 | 24 |

|                                                                                                                                |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Veículo a gasolina vai consumir mais</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/01/2010.....                                  | 26 |
| <b>O preço do álcool</b> – Folha de São Paulo – Opinião – Editorial – 13/01/2010.....                                          | 26 |
| <b>Biocombustível já chega a R\$ 2,10 em SP</b> – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/01/2010.....              | 27 |
| <b>Álcool caro faz venda de gasolina subir 4%</b> - Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/01/2020.....             | 28 |
| <b>O zum-zum do álcool importado</b> – Vinícius Torres Freire – Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2010.....                | 29 |
| <b>A novela do álcool, capítulo dois</b> – Vinícius Torres freire – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/01/2010.....            | 30 |
| <b>Estoque de álcool terá linha de R\$ 2,5 bi</b> – Humberto Medina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/01/2010.....          | 31 |
| <b>Usineiros pedem linha de crédito maior</b> – Humberto Medina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/01/2010.....              | 32 |
| <b>Biodiesel</b> .....                                                                                                         | 34 |
| <b>Diesel com mistura B5 restringe importações e emissões, diz ANP</b> – Valor Econômico – Agronegócios - 05/01/2010.....      | 34 |
| <b>Palma vê 'campo minado' na economia global</b> - Sergio Lamucci – Valor Econômico – Brasil - 13/01/2010.....                | 34 |
| <b>RELAÇÕES INTERNACIONAIS</b> .....                                                                                           | 37 |
| <b>Etanol</b> .....                                                                                                            | 37 |
| <b>Brasil poderá importar etanol</b> – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/01/2010.....                             | 37 |
| <b>China liquida reserva de mercado de energia eólica</b> – Raul Justes Lores – Folha de São Paulo – Ciência – 13/01/2010..... | 38 |
| <b>Novo laboratório para etanol terá parceiro europeu</b> – Folha de São Paulo – Ciência – 22/01/2010.....                     | 39 |
| <b>Europeus se unem para importar álcool</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/01/2010.....                                 | 40 |

## AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

### **Etanol**

#### **Cana gera 200 mi em bagaço para etanol celulósico** – Sítio Eletrônico da CNA – 06/01/2010

Mais biocombustível na mesma área. E esta uma das principais promessas para aumentar a sustentabilidade no segmento de abastecimento, principalmente do álcool combustível feito a de cana-de-açúcar e a utilização do bagaço para a produção do chamado etanol celulósico.

A safra brasileira de 2009, de 600 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, deve gerar cerca de 200 milhões desse subproduto, que hoje é usado principalmente na queima em usinas para gerar energia elétrica. Melhorias genéticas que estão sendo desenvolvidas em laboratório deverão aumentar a biomassa do vegetal, produzindo plantas de maior porte e mais bagaço.

Um grupo de pesquisadores da Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (Feagri-Unicamp) desenvolveu um equipamento capaz de separar o bagaço, que é um material heterogêneo, em partes semelhantes. Dessa forma é possível desagregar o material mais mole e úmido do bagaço, que deriva do interior da planta. Essa é a melhor parte para entrar no processo de produção de etanol, por ser rica em celulose. A classificação do bagaço obtida por meio da tecnologia desenvolvida pelo grupo da Feagri deverá ajudar no avanço das pesquisas sobre a nova geração do etanol.

\* Fonte: Jornal DCI de 06/01/2010.

#### **Moagem de cana supera 527 milhões de toneladas** – Sítio Eletrônico do CNA – 27/01/2010

A moagem total de cana na região Centro-Sul do País desde o início da safra 2009/10 superou 527 milhões de toneladas até o final da primeira quinzena de janeiro. A produção total atingiu 28,37 milhões de toneladas de açúcar e 22,90 bilhões de litros de etanol.

Mesmo em condições climáticas desfavoráveis, a moagem prossegue na segunda quinzena de janeiro em mais de 70 unidades produtoras.

As cifras apuradas até o momento são muito inferiores ao planejado por todas as unidades produtoras no início da safra. Em condições normais, a moagem de cana poderia ter alcançado 580 milhões de toneladas. Com isso, a produção de açúcar ultrapassaria 33 milhões de toneladas e a de etanol seria superior a 27 bilhões de litros.

Os números iniciais projetados pela UNICA para a atual safra traduzem a seriedade e responsabilidade dos produtores em ofertar açúcar e etanol tanto para o mercado interno como o externo. O início da safra era, de certa forma, o período mais preocupante devido a um excesso de produto mesmo com uma demanda interna crescente, reflexo do crescimento da frota de veículos flex e das incertezas do mercado

externo.

Se por um aspecto tudo apontava para recordes tanto na moagem de cana quanto na produção de açúcar e etanol, há de se notar que muitas empresas tiveram dificuldades na obtenção de crédito junto ao sistema financeiro. Isto fez com que estas mesmas empresas não conseguissem obter linhas de financiamento (warrantagem) disponibilizadas pelo Governo Federal pelos mesmos motivos – o não atendimento de uma série de exigências para liberação dos recursos. Este cenário proporcionou uma oferta nos primeiros meses de safra (abril a setembro) muito superior aos volumes demandados, em níveis de preços baixíssimos, provocando um crescimento nas vendas de etanol hidratado no período superior a 25% comparado com o mesmo período do ano anterior.

A partir de julho, o andamento da safra passou a ser fortemente prejudicado pela incidência de chuvas, resultando na redução da oferta em mais de 4,0 bilhões de litros de etanol e 5,0 milhões de toneladas de açúcar. Desde o mês de setembro a UNICA vem indicando que esse desequilíbrio entre a oferta e demanda provocaria um ajuste no mercado, o que resultaria em um novo patamar de preços compatível com a oferta mais baixa do que o esperado.

Conforme essas previsões, a partir de janeiro o mercado vem se ajustando e os níveis de preços praticados pelos produtores já refletem certa estabilidade. Isto indica, já na primeira quinzena de janeiro, uma queda nas vendas de etanol hidratado de 10% quando comparado com a segunda quinzena de dezembro, e um crescimento de apenas 2,4% quando comparado com a primeira quinzena de janeiro de 2009. Este crescimento, se acompanhasse a expansão da frota flex, seria naturalmente muito maior.

De janeiro a março de 2009, 18 estados brasileiros tinham o preço do etanol inferior a 70% do preço da gasolina, o teto para que o uso do etanol seja economicamente competitivo comparado com a gasolina. Já na primeira quinzena de janeiro, apenas dois estados continuam com os preços do etanol competitivo, ou seja, abaixo dos 70% do preço da gasolina. Mesmo assim, pode-se afirmar que os níveis de preços praticados nesta safra estão entre os quatro menores preços praticados nos últimos 10 anos, considerando-se a média de preço ao longo de toda a safra.

### **SOBRE OS DADOS DA SAFRA**

Os dados divulgados nesta atualização de safra são compilados e analisados pela UNICA, com números fornecidos através dos seguintes sindicatos e associações de produtores da Região Centro-Sul:

ALCOPAR - Associação dos Produtores de Etanol e Açúcar no Estado do Paraná

BIOSUL - Associação dos Produtores de Bioenergia do Mato Grosso do Sul

SIAMIG - Sindicato da Ind. de Fabricação do Etanol no Estado de Minas Gerais

SIFAEG - Sindicato da Indústria dos Fabricantes de Etanol do Estado de Goiás

SINDAAF - Sindicato Fluminense dos Produtores de Açúcar e Etanol

SINDALCOOL - Sindicato das Indústrias Sucroalcooleiras de Mato Grosso

SUDES - Sociedade das Usinas e Destilarias do Espírito Santo

**Em SP, álcool já perde para gasolina** – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 09/01/2010

Abastecer com etanol deixou de valer a pena no Estado de São Paulo, segundo pesquisa de preços dos combustíveis divulgada ontem pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). Houve aumento também no valor de venda de etanol pelas usinas paulistas, num indicativo de que a curva de alta nas bombas ainda não chegou ao fim.

Na segunda-feira, o governo discute se reduz o percentual de etanol na gasolina, na tentativa de baixar os preços.

De acordo com a ANP, o etanol é hoje mais vantajoso do que a gasolina em apenas seis Estados: Bahia, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Pernambuco e Tocantins

. Considerando o preço médio da gasolina de R\$ 2,481 por litro no Estado de São Paulo, o etanol hidratado seria competitivo na região com custo de até R\$ 1,736. O preço médio desta semana, porém, ficou em R\$ 1,767 por litro.

“Não me recordo, nos últimos anos, de um momento em que a gasolina tenha tido vantagens sobre o etanol em São Paulo”, comentou o vice-presidente executivo do Sindicato das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes (Sindicom), Alísio Vaz, para quem trata-se de um cenário atípico – uma vez que o Estado é o maior produtor de combustível. “Houve aumento de 25% da demanda por etanol este ano, mas o que se esperava no início do ano era uma crise de consumo.”

Na média nacional, informa a ANP, o preço do etanol ficou em R\$ 1,842, por litro, alta de 3,7% com relação à semana anterior. Dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada indicam alta de 5,93% e de 4,08% nos preços do etanol hidratado e anidro, respectivamente, vendidos pelas usinas de São Paulo. Para especialistas, trata-se de um sinal de mais aumentos.

Diante da escalada dos preços, o governo decidiu intervir e analisa, nesta segunda-feira, a redução do percentual de anidro na gasolina, hoje em 25%. A medida, no entanto, é considerada inócua por executivos do setor.

Segundo Vaz, do Sindicom, a redução de cinco pontos percentuais liberaria apenas 100 milhões de litros de etanol por mês, diante de um mercado de 1,4 bilhão de litros – além de provocar alta no preço da gasolina. “A melhor maneira de regular os preços é via consumo. Se o consumidor deixar de comprar etanol por algumas semanas, a relação entre oferta e demanda se equilibra e o preço baixa naturalmente.”

**Vale e Bunge fecham acordo para Transporte de etanol por ferrovia** – Renée Pereira – Estado de São Paulo – Economia e negócios – 13/01/2010

Dois anos após ser leiloada pelo governo federal, a Ferrovia Norte-Sul começa a se consolidar como importante corredor logístico do País. A Vale, que administra a estrada de ferro no trecho que vai de Acaílandia (MA) até Palmas (TO), acaba de firmar um grande acordo com a multinacional Bunge para transportar 200 milhões de litros de etanol por ano até o Porto de Itaqui, no Maranhão.

O contrato, de 11 anos, deve incrementar ainda mais a carga total movimentada pela ferrovia. Até setembro do ano passado, a Vale havia transportado 7% mais que todo o ano de 2008, somando 1,5 milhão de toneladas.

Segundo o diretor de Comercialização de Logística da Vale, Marcello Spinelli, o acordo com a Bunge vai evitar a circulação de 700 caminhões por mês nas estradas brasileiras.

O etanol sairá do terminal da multinacional no município de Tupirama (TO) até Guarai, iniciando a Ferrovia Norte-Sul. De lá seguirá de trem pela Norte Sul e pela Estrada Ferro Carajás (também da Vale) até São Luiz (MA), de onde será exportado pelo Porto de Itaqui. “O custo desse transporte se torna muito mais barato por causa da proximidade com os Estados Unidos, por exemplo”, afirma Spinelli.

Para o transporte, a Mitsui Rail Capital (MRC) vai alugar 25 vagões-tanque para a Bunge. Todos os equipamentos serão produzidos no Brasil. O transporte dos 200 milhões de litros começará este ano, mas ainda sem data estabelecida. O volume poderá crescer conforme a demanda, afirma Spinelli.

Na avaliação dele, a Norte-Sul é uma das ferrovias mais modernas do País, com tracado e curvas pequenas, que permitem uma velocidade de até 80 km por hora.

Embora o trecho arrematado pela Vale não esteja todo construído (o trecho até Palmas deve ser concluído em maio), a empresa já conseguiu firmar importantes contratos, além desse com a Bunge. Em dezembro, a empresa assinou acordo com a Ceagro Agronegócios para transporte e embarque marítimo de 240 mil toneladas de grãos por ano.

Nesse caso, a Ceagro vai alugar 30 vagões da Ferrolease para a operação. Os grãos serão transportados na rota Porto Franco (TO) e Colinas do Tocantins (TO) até São Luiz, onde serão embarcados pelo Terminal Marítimo de Ponta da Madeira, da Vale.

Além da Bunge e Ceagro, a Norte Sul tem outros clientes, como Cargill, Multigrain, Algar, Iara Fertilizantes e Spa Construtora. “Hoje estamos muito focados em grãos e fertilizantes. Mas quando chegarmos até Palmas poderemos explorar também o mercado de contêineres”, diz Spinelli.

## **O álcool na gasolina** – Estado de São Paulo – Notas e Informações – Editorial – 14/01/2010

Antes da crise internacional, era grande a expectativa dos empresários e investidores de que o Brasil viesse a se tornar um grande exportador do etanol de cana, que se transformaria logo em uma *commodity*, com cotações internacionais.

Havia justificativa para isso: em 2008, as exportações de álcool etílico foram recordes, tendo alcançado 4,72 bilhões de litros, carregando divisas no total de US\$ 2,2 bilhões. Hoje tudo parece ter mudado de figura. O álcool está escasso e caro. Projetos de investimento foram suspensos; as cotações do açúcar tiveram uma alta espetacular no mercado internacional, causada pela quebra sensível da produção de cana na Índia, o que tornou sua produção mais lucrativa que a de álcool; o consumo interno de etanol disparou com a arrancada das vendas de carros flex; e, para completar, a colheita no Brasil foi muito prejudicada pelas chuvas.

Segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), a produção de álcool na safra 2009/2010 caiu 7,69%.

Resultado: o País não tem álcool suficiente nem para atender as necessidades do mercado interno. Para contornar a situação, o governo acaba de autorizar a redução da taxa de adição de álcool anidro à gasolina de 25% para 20%, retomando uma prática já muito bem conhecida do consumidor brasileiro.

A medida começa a valer a partir de 1º de fevereiro, pelo prazo de 90 dias. Preve-se economizar 100 milhões de litros de etanol por mês. Espera-se que os preços do álcool hidratado, que vinham em alta, se estabilizem em torno de R\$ 1,80 o litro. O preço do litro da gasolina, hoje em R\$ 2,60, certamente vai subir, pois aumentará a proporção do derivado de petróleo, que paga uma alíquota mais elevada (24%) de ICM do que o álcool (12%). Para ser restabelecido o equilíbrio entre os dois combustíveis, o litro de álcool deve custar 70% do de gasolina.

Com a enorme frota de veículos do País, não podem ser ignorados os efeitos ambientais da decisão, como o aumento das emissões de poluentes.

Tudo seria mais tolerável se fosse apenas uma contingência, mas, na verdade, o problema é tão repetitivo quanto as enchentes. Teria o brasileiro de se conformar com ser um consumidor sazonal de etanol?

Os riscos são bem claros.

Passada a fase do Proalcool nas décadas de 1970 e 80, os carros a álcool foram perdendo mercado, passando nos anos 90 a responder por uma ínfima proporção da produção nacional de veículos. O álcool só voltou a ganhar credibilidade junto ao consumidor com a produção em massa, a partir de 2003, de carros flex. Atualmente, quase todos os automóveis nacionais são flex.

Se o consumidor brasileiro deixar de acreditar no álcool combustível, o que acontecerá quando os preços do açúcar baixarem, como ciclicamente ocorre? É preciso, portanto, que os usineiros se articulem para oferecer os dois produtos em volumes adequados.

Calcula-se que existam hoje no Brasil mais de 400 usinas de álcool, de todos os portes. As menores e menos capitalizadas são levadas a vender o álcool a preços irrisórios nos nove meses de produção, simplesmente para atender às suas necessidades prementes de capital de giro. O problema central é que os custos financeiros para estocagem (warrantagem) de álcool são muito elevados e poderiam ser reduzidos.

Tão importante quanto evitar que o álcool combustível deixe de atrair o consumidor brasileiro e ampliar as exportações, que caíram para US\$ 1,27 bilhão até novembro do ano passado, de acordo com os últimos números divulgados. Mercado no exterior existe e ele é crescente. O setor sucroalcooleiro no Brasil vem passando por uma consolidação com a entrada de multinacionais, focadas em produtividade, e seu objetivo maior é o mercado externo de etanol. Um número cada vez maior de países vem estabelecendo percentuais para a mistura de etanol a gasolina – até mesmo a China já o fez, em algumas províncias – como forma de proteção ambiental. Não precisamos de um novo Proalcool, que consumiu milhões em financiamentos e subsídios.

O que é necessário é uma política com objetivos definidos, capaz de conferir uma previsibilidade razoável a esse setor.

**Ricardo Mansur compra Segunda usina de álcool** – Gustavo Porto - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/01/2009

O empresário Ricardo Mansur fechou a compra da Destilaria Pignata, em Sertãozinho (SP), seu segundo negócio no setor sucroalcooleiro em menos de seis meses. O acordo, fechado na última semana, foi comunicado ontem aos funcionários da unidade produtora de etanol.

Ex-dono das falidas redes varejistas Mesbla e Mappin (cuja marca foi adquirida recentemente pela rede Marabraz) e do banco Crefisul, liquidado pelo Banco Central,

Mansur havia comprado, em agosto, a Usina Galo Bravo, em Ribeirão Preto (SP). O empresário enfrenta diversos processos na Justiça por causas de dívidas bilionárias, boa parte delas com ex-funcionários.

Apesar de emissários de Mansur, entre eles os executivos Gilberto Mascioli e Nino Peticarrari, informarem na terça-feira à noite a representantes dos empregados que a destilaria fora arrendada, a *Agência Estado* apurou com fontes do setor que houve a compra junto a família Pignata. “Na terça-feira, fomos convocados para uma reunião com os representantes do senhor Ricardo Mansur e fomos comunicados do arrendamento; foi acertado que nos pagarão o salário atrasado de dezembro em parcelas a partir de fevereiro, fizemos uma assembleia hoje (*ontem*) e aprovamos a proposta”, disse Jose da Silva, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Açúcar, Alimentação e Afins de Sertãozinho e Região.

De acordo com o sindicalista, a intenção do empresário e iniciaram a produção de etanol na safra 2010/2011 já na primeira semana de fevereiro. A empresa tem 330 funcionários, excluindo cortadores de cana, os quais são contratados exclusivamente para a safra. Há a expectativa de que funcionários demitidos sejam recontratados. “O senhor Gilberto (Mascioli) nos disse que a intenção é crescer”, concluiu Silva.

Grande parte do fornecimento de cana-de-açúcar para a usina continuaria com membros da família Pignata, que teriam assinado no acordo um contrato de fornecimento de cana por 15 anos. Com a compra da Destilaria Pignata, Mansur mostra que a estratégia para a entrada no setor sucroalcooleiro e por meio de aquisições de pequenas unidades que enfrentam dificuldades financeiras.

Sua primeira usina, a Galo Bravo, tinha uma dívida de R\$ 450 milhões, estimada por consultorias que tentavam fazer uma recuperação extrajudicial para a usina.

Na Destilaria Pignata, a única informação é que ninguém estaria autorizado a falar sobre o assunto. A reportagem procurou Mascioli e também João Marcos Pignata, antigo diretor da destilaria, deixou recado em suas residências, mas nenhum dos dois respondeu. Ricardo Mansur também não comentou o assunto.



## **Abastecer com álcool deixa de ser vantagem no Estado de SP – Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 09/01/2009**

Na capital, biocombustível já havia perdido a competitividade em relação à gasolina

Em apenas 7 Estados ainda compensa usar o álcool: Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Tocantins, Paraná, Bahia e Alagoas

**PEDRO** **SOARES**  
DA SUCURSAL DO RIO

Nem mesmo em São Paulo, o maior produtor de álcool do país, compensa mais abastecer com o biocombustível. O preço médio do produto subiu 5,8% na primeira semana do mês, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo). O preço do álcool saltou de R\$ 1,670 por litro nas bombas dos postos paulistas na

semana iniciada em 27 de dezembro para R\$ 1,767 na que começou no dia 3. Com isso, a relação entre o custo da gasolina e do álcool ficou em 71,2%. Só é vantagem abastecer com o biocombustível quando o produto custa até 70% do valor da gasolina, segundo especialistas. É que a gasolina tem rendimento maior. Ou seja, o motorista percorre mais quilômetros com um litro do combustível do que com o álcool.

Segundo dados da ANP compilados pela **Folha**, em apenas sete Estados ainda compensa usar o álcool como combustível: Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Tocantins, Paraná, Bahia e Alagoas. Nos dois últimos, porém, a relação está no limite dos 70%.

Até a última semana de dezembro, ainda valia a pena abastecer no Estado de São Paulo com álcool, pois o preço do produto correspondia a 68,7% do da gasolina. A exceção era a capital, segundo indicou naquela semana levantamento feito pela Folha. No Rio, já não era vantagem.

Desde meados de dezembro, os preços do álcool ao consumidor subiram 12,5% no Estado de São Paulo, acima da média nacional -alta de 7,9%. Na esteira do aumento do álcool, a gasolina também subiu. É que o derivado de petróleo recebe uma adição de 25% de etanol em sua composição antes de ir para os postos. Pelos dados da ANP, a gasolina teve alta de 0,5% na semana iniciada no dia 3 deste mês. O preço médio nacional do produto passou para R\$ 2,561. Em São Paulo, avançou mais -2%- e bateu em R\$ 2,481.

Diante da disparada do álcool, o governo estuda reduzir a mistura à gasolina. A decisão deve sair na próxima semana.

Muitos são os fatores de pressão sobre os preços do álcool, segundo especialistas. O primeiro é a entressafra da cana, iniciada em dezembro. Mirian Bacchi, do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq-USP, diz que neste ano a entressafra é mais intensa por causa do excesso de chuvas.

Além disso, as usinas entraram no período com estoques muito baixos -na maior parte de 2009, os preços se mantiveram deprimidos em razão da crise e da necessidade das empresas de fazer caixa e vender o produto a qualquer preço. Esse cenário, diz, estimulou o consumo de etanol e resultou numa queima dos estoques reservados para a entressafra. Além disso, diz, as cotações do açúcar se mantiveram altas, o que estimulou os usineiros a apostar mais na produção da commodity do que na de álcool.

**Os usineiros, sempre os usineiros** – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/01/2010

#### DA REDAÇÃO

A forte redução na oferta de álcool nesta reta final de safra pode fazer alguns consumidores voltarem os olhos, mais uma vez, para os usineiros. Sempre os usineiros.

Eles, na verdade, passaram o ano passado administrando a crise. Entraram na safra endividados e sem crédito. Até os R\$ 2,5 bilhões de crédito colocados pelo governo à disposição das usinas para a formação de estoques -o que poderia garantir maior estabilidade aos preços- tiveram poucos interessados. Motivo: não conseguiram dar garantia aos empréstimos. A falta de crédito pesou tanto que alguns projetos, que deveriam entrar em operação, foram retardados devido à crise financeira internacional. O resultado foi o excesso de álcool barato nos primeiros meses da safra, quando o hidratado foi negociado, em média, a R\$ 0,6338 por litro de abril a julho, valor 9,5% inferior ao de igual período de 2008. Os usineiros desovaram estoques para fazer caixa. No segundo semestre a chuva se intensificou, impedindo a colheita e provocando perda na qualidade da cana-de-açúcar. Resultado: produção 1,8 bilhão de litros abaixo do previsto.

Do outro lado, incentivados pela redução do IPI e pelo preço competitivo do álcool, os consumidores elevaram as compras de carros flex, que terminaram o ano com vendas 14% superiores às de 2008, segundo a Anfavea. Demanda crescente e oferta abaixo do previsível empurraram os preços do álcool para cima na reta final do ano. Os valores médios de abril a novembro já indicavam alta de 3% sobre os de 2008 na porta das usinas. Em dezembro, quando a redução de álcool ficou mais evidente, os preços dispararam e subiram 39% em relação aos de igual período de 2008. Essa alta só não foi maior porque a demanda externa por álcool caiu 35,4% no ano passado, recuando para 2,6 bilhões de litros. Outro ponto de redução da oferta de álcool foram os bons preços obtidos pelo açúcar. As usinas destinaram uma parte maior da cana para a produção de açúcar, cuja produção rendeu 60% a mais do que a de álcool no final do ano. A redução na oferta de álcool após o advento do carro flex não tem mais os perigos dos tempos do Proálcool, quando os carros simplesmente não podiam rodar por falta do combustível. O consumidor mais consciente vai optar pela gasolina. Já os mais distraídos vão continuar pagando caro pelo pouco álcool que estará nas bombas. O cenário para os próximos anos, no entanto, pode ser diferente. Está se formando uma nova classe de usineiros -as multinacionais. Com cacife e poder, essas novas donas de usinas vão ter recursos suficientes para a formação de estoques. Ou seja, vai acabar a fase dos preços baixos e o consumidor vai pagar um preço médio anual mais elevado. A capacidade financeira dos usineiros atuais ainda não permite essa formação de estoques, que virá cada vez mais com o avanço da concentração no setor. Atualmente, de cada cinco toneladas de cana moída, apenas uma está nas mãos de estrangeiros. (MAURO ZAFALON)

**Etanol de mandioca** – Juliana Costa - Globo Rural – janeiro de 2009.

Combustível produzido a partir do tubérculo é opção de negócio para produtores da região Norte do país

Uma nova forma de aproveitamento da mandioca está ganhando força no Norte do país: a produção de etanol. Seis dos dez maiores municípios produtores do tubérculo do

Brasil estão nessa região, onde a maior parte do cultivo é realizada em pequenas propriedades, de acordo com o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Até hoje, entretanto, não havia nessa porção do país um modelo de negócio sustentável para os agricultores voltados à cultura.

Essa realidade começa a mudar com ações do Programa Bioálcool, iniciativa do Instituto Ecológica, uma Oscip - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público que desenvolve planos de orientação a pequenos produtores nortistas, em sua maioria assentados de reforma agrária, na tentativa de reduzir os efeitos das mudanças climáticas. Para colocar o projeto em prática, duas usinas estão em fase final de construção: uma em Porto Nacional, Tocantins, e outra em Botucatu, São Paulo. A ideia é que no parque tecnológico do Sudeste, que possui capacidade máxima para produzir seis mil litros de etanol por dia, sejam realizadas pesquisas que, sob a coordenação Unesp - Universidade Estadual Paulista servirão de modelo para a usina da região Norte.

#### Sistema de destilação de etanol implantado pelo Programa Bioálcool

"Enquanto a cana-de-açúcar requer extensas áreas e uma agricultura intensiva, com altos custos, a mandioca não exige mecanização complexa e necessita de menor volume de capital", afirma Cláudio Cabello, vice-diretor do Cerat - Centro de Raízes e Amidos Tropicais, da Unesp, que controla os trabalhos em Botucatu. Além disso, enquanto uma tonelada de cana produz cerca de 70 litros de etanol, a mesma quantidade de mandioca gera 170 litros de álcool. Cabello explica que, em lugares onde a produção de cana é altamente desenvolvida em termos tecnológicos, como nas cidades paulistas de Piracicaba ou Sorocaba, a raiz não é competitiva. Entretanto, ela é a matéria-prima ideal para as pequenas unidades produtoras da região amazônica.

Durante a época do Pró-Álcool, na década de 1970, foram implantadas nove usinas para produção de etanol de mandioca, mas problemas entre os agricultores e o sucesso da cana-de-açúcar fizeram com que o tubérculo perdesse espaço. Das usinas construídas, apenas uma, em São Pedro do Turvo, no interior de São Paulo, mantém a mandioca como insumo até hoje.

Cabello ressalta ainda que, na Amazônia, muitas localidades tem acesso difícil às fontes de energia. "Em um cálculo rápido, de cada três vezes que alguém coloca combustível no barco, um é para a viagem de ida, um para a viagem de volta e um para ficar no lugar", diz. Diante disso, a mandioca pode ser uma alternativa para suprir estas regiões, aproveitando o produto e a mão de obra locais.

"Não é só uma usina, é a construção de um modelo econômico", comenta o diretor técnico do Instituto Ecológica, Luiz Eduardo Leal. Segundo ele, além de vender sua produção, o agricultor terá acesso à assistência técnica e poderá contar com financiamento do Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. O objetivo do projeto é que, dentro de alguns anos, uma cooperativa de produtores, supervisionada pela OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras, gerencie a usina de Tocantins, que pode gerar até oito mil litros de etanol por dia. Segundo Leal, já existe uma articulação com oito associações, o que abrange cerca de

86 famílias da cidade. A meta é trabalhar com 180 produtores ou aproximadamente 300 famílias de Porto Nacional.

Uma tonelada de mandioca produz 170 litros de etanol, enquanto a de cana rende 70 litros

O foco da iniciativa é a produção de álcool retificado ou neutro, com baixo grau de impurezas, utilizado em indústrias farmacêuticas, de cosméticos e de tintas. A opção, de acordo com o diretor do Instituto Ecológica, é uma questão de mercado, uma vez que enquanto o litro de álcool carburante, empregado como combustível, é vendido pela usina por R\$0,90 em média, o valor de venda do álcool neutro pode chegar a R\$2,20 por litro.

Cabello destaca que, além da própria produção de biocombustível, outros aspectos relacionados à sustentabilidade serão estudados em Botucatu. Dentre os mecanismos em desenvolvimento estão o uso de resíduos agrícolas (como cascas de arroz) nas caldeiras e a reutilização da água que sobra no processo como adubo ou como alimento para o gado. "Estas experiências existem no Brasil, mas feitas sem nenhum controle. Está faltando um pouco mais de aprofundamento sobre como isso pode ser melhorado", afirma. De item básico no prato dos brasileiros, a mandioca ganha novos mercados - e novas receitas.

#### **Equipamentos para usinas terão demanda maior, mas nem tanto - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 05/01/2010**

Apesar de a tempestade no segmento sucroalcooleiro já estar no fim, a bonança parece distante. Um novo boom de investimentos é esperado somente a partir de 2011. Assim, as indústrias fabricantes de usinas e equipamentos aguardam para 2010 um ano de recuperação "homeopática". Alguns projetos parados dão sinais de lenta retomada. Renegociações de débitos ganham ritmo, e a expectativa é que o capital venha de grandes players consolidadores, que devem melhorar as unidades adquiridas, e também de outras indústrias do ramo, que estão agora recebendo recursos que estavam estancados nas instituições financeiras.

A Dedini Indústria de Base, líder neste mercado, espera vender algo próximo a R\$ 1,3 bilhão em 2010, o que representa crescimento de 20% a 25% em relação ao retraído ano de 2009. O valor considera projetos em carteira e os que devem entrar ao longo do ano. No auge dos investimentos sucroalcooleiros no Brasil, em 2007, a Dedini chegou a vender R\$ 3 bilhões em usinas e equipamentos em um único ano.

Os problemas financeiros estão sendo solucionados no ritmo "conta gotas", mas avançam. "A dívida líquida das usinas é menor do que estava no começo do ano. Algumas saídas foram encontradas com as consolidações", diz o CEO da Dedini, Sérgio Leme. Ele estima que o número de contratos em atraso caiu 50% do início para o fim de 2009. "Há ainda outra metade em fase final de negociação, com possibilidade de alongamento de prazo e recebimento. Certamente, esses players mais sólidos estão trazendo mais liquidez ao setor".

A renegociação também passou pela Sermatec, a segunda maior fornecedora de usinas do país, mas ainda há um grande volume para voltar à mesa em 2010. "Nossos

clientes conseguiram empréstimos-ponte e nos procuraram. Mas acreditamos que a maior parte será renegociada a partir de março", diz o diretor-presidente da empresa, Antônio Carlos Christiano.

Com esse fôlego, a Sermatec, que tem participação de 40% no mercado de caldeiras para usinas sucroalcooleiras, seu carro-chefe, conta com vendas ao exterior para alavancar seus negócios em 2010. As exportações, que há dois anos representavam de 10% a 15% das vendas, podem atingir 50% neste novo ano, segundo Christiano. A indústria, que vendeu "ínfimos" R\$ 100 milhões em 2009 - esse montante atingiu R\$ 500 milhões no boom do etanol -, espera bater em 2010 R\$ 600 milhões, graças a esperados embarques ao exterior. "Temos clientes em Angola, na Argentina e na Colômbia. As vendas externas podem até superar as do mercado interno", aposta Christiano.

Apesar do abatimento em 2009 - a Sermatec demitiu 750 dos 2 mil funcionários que tinha em seu quadro - Christiano não perde o bom humor ao se referir aos últimos 12 meses. "Foi um bom ano...para ser esquecido". A empresa também chegou a ter ociosidade de 50% no primeiro semestre. "Por isso, no segundo fomos atrás de trazer de volta os contratos que estavam suspensos para nos devolver a carga de trabalho em 2010".

O ano de 2009 também não é motivo de boas lembranças para a Dedini. A empresa chegou a demitir 15% de seu quadro de funcionários e, agora, com o período de manutenção das usinas sucroalcooleiras na entressafra, recontratou, mas ainda fecha a temporada com um saldo negativo de demissões de cerca de 10%. "No primeiro semestre, o uso da nossa capacidade instalada chegou a apenas 50%. Devido à leve recuperação no fim do ano, estamos com uma média anual de 70%".

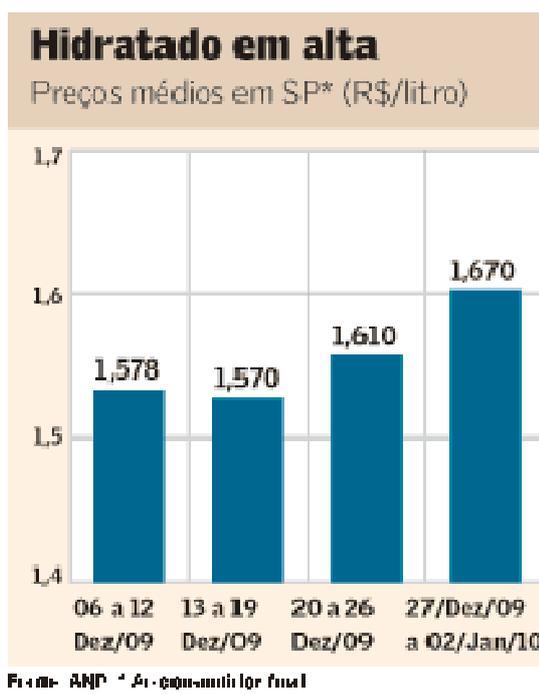
A Dedini, que também é exportadora, ainda tem muito foco no segmento de açúcar e álcool, apesar de nos últimos quatro anos ter diversificado seu portfólio com os segmentos de mineração, saneamento e hidroenergia. "Em 2007, de 75% a 80% da nossa carteira eram sucroalcooleira. Atualmente, esse volume está em 40%", afirma.

As perspectivas positivas para o ano também têm o aval do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que espera emprestar em 2010 R\$ 6 bilhões a segmento, como em 2009.

### **Álcool perde competitividade em SP - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 06/01/2010**

O consumidor de São Paulo, que já deve estar repensando que combustível usar em seu automóvel, depois de meses de hegemonia do etanol, deve bater o martelo na próxima semana. Pelo menos no critério "preço", a gasolina deve voltar a ser mais atrativa do que o álcool no maior mercado de combustível do país.

Segundo levantamento da Agência Nacional de Petróleo (ANP), nos últimos sete dias encerrados em 2 de janeiro, o preço médio do álcool hidratado nos postos paulistas foi de R\$ 1,670, o que representa 68,67% do valor da gasolina, que fechou em R\$ 2,432 no mesmo período. Para ser viável ao consumidor final, o álcool tem que valer até 70% do preço do derivado de petróleo o que, tecnicamente, já está ocorrendo. No entanto, a tendência é que esse limite não só seja oficialmente alcançado, mas superado na próxima semana, uma vez que o valor na usina continua subindo.



Nesta semana, os negócios nas indústrias produtoras de álcool já estão sendo fechados em preços mais elevados. De acordo com levantamento da consultoria FCStone, desde segunda-feira, negócios têm sido fechados a R\$ 1,37 o litro do hidratado na usina e com imposto, enquanto que, antes do Natal, esse valor estava no patamar de R\$ 1,25. "Já há usina pedindo R\$ 1,40, apesar de ainda não ter saído venda a esse valor", diz Rodrigo Martini, consultor de gerenciamento de risco da FCStone.

O sindicato que representa as distribuidoras de combustíveis, o Sindicom, confirma o reajuste na usina. "Nossas associadas têm encontrado o produto a preço mais elevado", diz Alísio Mendes Vaz, vice-presidente executivo do Sindicom. Ele complementa que a mudança no comportamento do consumidor já vem sendo percebida com arrefecimento de demanda, no entanto, ainda sem dados oficiais que a confirmem.

Para Antônio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Única), o consumo na bomba ainda não está respondendo ao preço maior, apesar de reconhecer que, de fato, há uma forte tendência de que na próxima semana o álcool vá, sim, perder a disputa em preço para a gasolina. "Não existe oferta para manter o volume de vendas, que cresceram 25% em um ano, aos preços que estavam. Quem vai ditar a velocidade e a direção do preço do etanol será o consumidor".

Trata-se de um ajuste já esperado. "É necessária uma elevação no valor para ajustar a oferta com a demanda", diz Tarcilo Rodrigues, da Bioagência, que negocia a produção de etanol de 26 usinas do Centro-Sul do País. A trading também identificou nesta semana preços de etanol na usina a R\$ 1,35, ante os R\$ 1,24 registrados da semana que antecedeu o Natal.

Até 2 de janeiro, a atratividade do álcool estava mantida em seis estados, a maior parte em níveis bem próximos do limite de 70% do preço da gasolina: Bahia (69,5%), Goiás (62,8%), Mato Grosso (57,7%), Paraná (67,6%), Pernambuco (66,5%) e Tocantins (65,84%).

**Alcotra pode ter primeira usina de açúcar no país - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 07/01/2010**

Depois de avaliar cerca de 40 usinas no Centro-Sul do Brasil, o grupo belga Alcotra, que movimenta mundialmente mais de 1 bilhão de litros de etanol, não descarta também investir em açúcar e energia no país. Apesar de a empresa ser uma trading de álcool, os preços atrativos da commodity são um bom argumento para a diversificação. A meta da companhia - que desde 2007 está presente no Brasil como produtora com a aquisição de 49% na destilaria Tabu (PB) - é fechar um acordo no Brasil nos próximos dois meses, segundo o CEO da Alcotra Bio Energy, o francês naturalizado brasileiro, François Legleye.

"As usinas de açúcar hoje têm sua atratividade. Dependendo do tamanho da usina, ou seja, da dimensão da moagem, é prudente termos açúcar e energia", afirmou o executivo ao **Valor**. Se, de fato, fechar a negociação com uma usina que também produz açúcar, será o primeiro projeto mundial da belga com esse produto. Além de metade da destilaria Tabu, a Alcotra também tem produção de álcool (de melão e de cereais) na África do Sul e na Europa.

Legleye não comenta, mas fontes do setor afirmam que a empresa belga está há alguns meses em negociação com a usina Uberaba, unidade mineira pertencente à indústria Cadelma e à família Balbo, esta última com outras duas usinas no Estado de São Paulo. Segundo essas mesmas fontes, as negociações com a destilaria estão avançadas.

Há informações também de que, além da Uberaba, a família Balbo estaria disposta a negociar as outras duas unidades paulistas, mas não com a Alcotra, que não estaria interessada nos três ativos. Procurados, diretores da Uberaba não retornaram as ligações. O foco da Alcotra é comprar uma usina que tenha potencial para crescer e atingir 3 milhões de toneladas, perfil da Uberaba.

Sem dar detalhes sobre a usina mineira, Legleye garante que das mais de quatro dezenas de unidades que chegou a estudar em 2009, duas ou três estão, realmente, sendo avaliadas mais a fundo. Elas estariam localizadas, obviamente, em Minas Gerais, e também em Goiás e em Mato Grosso do Sul.

Entre as avaliadas pela Alcotra, estava a Total Agroindústria Canavieira S.A., que tem usina de álcool em Bambuí (MG) e que, na última semana de dezembro, teve 40% do seu capital adquirido pela Petrobras Biocombustíveis. "Não acho que os bons ativos à venda já estejam repartidos entre todos os potenciais compradores. A consolidação levará anos".

**Múlti quer avançar em açúcar e álcool – Fernando Lopes – Valor Econômico – Agronegócios - 28/01/2010**

Quando Mário Barbosa deixou a presidência da Fosfertil e foi contratado por Alberto Weisser, em 1996, o CEO da Bunge deixou claro que sua principal missão era passar para frente as operações de fertilizantes do grupo no Brasil, concentrados na Serrana, administrada separadamente.

Barbosa, que começou em fertilizantes na Manah, companhia criada por seu sogro, Fernando Penteadro Cardoso - hoje com 95 anos e na ativa - não obedeceu e convenceu Weisser que o melhor era comprar, e não vender.



Weisser escutou Barbosa (irmão de Fábio Barbosa, presidente da Febraban), e entre 1996 e 2000 marcas como Fertilul, IAP, Ouro Verde e a própria Manah passaram ao controle da Bunge. Consolidava-se a liderança que a empresa construiu no país na área e que continuará a ter nas vendas de adubos para os agricultores, em que seu "market share" é de 30%.

Como a Vale agora, Mário Barbosa mirava as participações que as companhias adquiridas tinham na Fosfertil e, conseqüentemente, no controle da produção de matérias-primas para adubos no país, que continua fortemente dependente de importações.

Catorze anos depois, com o fôlego da Bunge para novos investimentos que exigem enormes aportes de capital mais curto, Barbosa não conseguiu evitar a venda, ainda que Weisser não se arrependa por ter cedido aos argumentos daquele que se tornou o principal executivo da Bunge no Brasil nos últimos anos.

"Mário [que não concedeu entrevista] fez um trabalho fantástico. A criação de valor nesse período foi imensa, e ainda ficamos com a liderança no varejo. Só essa participação nas vendas finais vale mais, hoje, do que todo o setor há 14 anos", disse Weisser ao **Valor**.

O negócio fechado com a Vale na manhã de ontem consolida uma reestruturação de negócios e gestão acelerada pela Bunge nos últimos anos, marcada pela manutenção de gastos em áreas originais de atuação como soja e trigo, maior foco em logística, principalmente portos, fortes investimentos em um novo segmento - açúcar e álcool - e a integração de todas as atividades no país, que culminou com a contratação do ex-ministro Pedro Parente como CEO da Bunge Brasil.

Nessa estratégia, os investimentos anunciados pela multinacional no país, excluindo as promessas na área de fertilizantes, superaram R\$ 5 bilhões do início de 2008 para cá, incluindo os US\$ 1,5 bilhão acertados pela aquisição das usinas sucroalcooleiras do grupo Moema, a mais recente tacada de peso. Em 2008, o faturamento consolidado da múlti no Brasil, incluindo adubos, chegou a R\$ 31,7 bilhões.

"Nosso foco mais importante no Brasil no momento é açúcar e álcool", afirmou Weisser. Com as apostas recentes, a Bunge já é a terceira maior empresa do segmento sucroalcooleiro do país.

Segundo o CEO, os investimentos na prospecção de novas jazidas de fosfato são vultosos e de alto risco, e por isso a tendência nos últimos anos tem sido uma participação cada vez maior, nessa frente, de grandes mineradoras como Vale e BHP Billiton, empresas com enorme fluxo de caixa.

Weisser garante que a decisão de vender ativos de fertilizantes no Brasil neste momento não tem relação com o cenário difícil e a queda dos resultados globais da Bunge, como sustentam analistas e concorrentes. "Tivemos um ano difícil, mas estamos otimistas para 2010", afirmou o executivo brasileiro. **(FL)**

## POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

### **Etanol**

**Stephanes dá prazo para etanol de normalizar** – Sítio Eletrônico da CNA – 06/01/2010

O ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, afirmou ontem que o mercado de etanol, que tem enfrentado problemas de abastecimento em alguns estados, deve levar de 90 a 120 dias para ser normalizado. Até lá, na maioria dos estados brasileiros a gasolina deve continuar sendo vantajosa para quem tem veículos flex. Stephanes disse que o problema foi causado pelo excesso de chuvas no período de colheita, que obrigou os produtores a deixar mais de 60 milhões de toneladas de cana sem cortar.

**Safra de cana 2009/10 atinge 523 mi/t até dia 01/01 no Centro-Sul** – Sítio Eletrônico da CNA – 12/10/2010

São Paulo, 12 - Do início de abril de 2009 a 1º de janeiro de 2010, o volume de cana-de-açúcar processado na região Centro-Sul do País atingiu 523,24 milhões de toneladas, 5,24% superior ao mesmo período de 2008. Apesar das chuvas que atingiram grande parte da região produtora, na segunda quinzena de dezembro foram moídas 10,31 milhões de toneladas, um aumento de 54,85% ante o período anterior.

O crescimento da moagem na segunda quinzena de dezembro em relação ao mesmo período de 2008 é resultado de um elevado número de usinas que processaram cana nesse período, o que é atípico. Em 2008, 14 empresas estavam em operação no início de janeiro; em 2009, esse número ficou em 56 unidades; em 2010, mais de 90 empresas ainda não haviam encerrado as suas operações no começo de janeiro, algumas com previsão de continuidade até março.

Apesar do relativo crescimento da moagem, a quantidade de produtos obtidos por tonelada de cana esmagada até o momento continua abaixo do valor observado entre abril e dezembro de 2008, de 7,09%. Isto porque, mesmo considerando-se o crescimento da moagem de 5,24% em relação à safra anterior, a queda na concentração de Açúcares Totais Recuperáveis (ATR) fez com que o volume disponível para a produção de açúcar e etanol fosse 2,22% inferior ao valor registrado no mesmo período da safra anterior.

### **Açúcar e Etanol**

No acumulado desde o início da safra, 43,31% da cana processada no Centro-Sul foi direcionada para a produção de açúcar, e 56,69% para a produção de etanol. A produção de açúcar acumulada atingiu 28,30 milhões de toneladas até o final de novembro, 6,53% superior ao volume produzido no mesmo período na safra anterior. Já a produção acumulada de etanol alcançou 22,73 bilhões de litros, 7,69% inferior ao volume produzido no mesmo período da safra anterior. Há cinco quinzenas consecutivas

a proporção de cana destinada para a produção de açúcar tem sido reduzida.

Na segunda quinzena de dezembro, 71,09% da matéria-prima processada foi destinada à produção de etanol, e apenas 28,91% para o açúcar. Nessa última quinzena, foram produzidas 352,30 mil toneladas de açúcar e 532,90 milhões de litros de etanol, sendo 105,70 milhões de litros de etanol anidro e 427,20 milhões de litros de etanol hidratado.

### **Plantação de cana cresce sem desalojar alimento, diz estudo** – Sítio Eletrônico da CNA – 18/01/2010

A ideia que há uma guerra por espaço acontecendo no interior do Brasil entre o plantio de comida e a produção de biocombustíveis é errada, dizem especialistas. A expansão do cultivo de cana-de-açúcar para produzir etanol não afetou, até hoje, áreas de cultivo de alimentos, segundo os estudos.

Até aconteceram mudanças localizadas de cultura, mas no todo não foi significativo. Existem 200 milhões de hectares de pasto no Brasil. Não são os cinco milhões que a cana ocupa que vão fazer falta, diz Roberto Schaeffer, especialista em energia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de um trabalho sobre o assunto na última edição da revista científica *Renewable Energy*. O Brasil tem 60 milhões de hectares dedicados à agricultura (veja tabela à direita).

Segundo cientistas como Schaeffer ou José Goldemberg, físico da Universidade de São Paulo e um dos pais do Proálcool (que também publicou um estudo recentemente sobre o tema na revista *Energy Policy*) é justamente para cima dos pastos -e não dos cultivos de alimentos- que a cana avança, com algumas exceções nos anos 1970 e em alguns poucos locais atualmente. Os dados mostram que os plantios de café, laranja ou feijão não se alteraram com o crescimento das plantações de cana mesmo em São Paulo, grande produtor nacional de etanol (veja ao lado).

Isso não significa que o Brasil esteja produzindo menos carne. Goldemberg lembra que a densidade dos rebanhos vem crescendo. Só entre 2004 e 2005, passou de 128 cabeças por quilômetro quadrado para 141 nos pastos paulistas. Segundo ele, ainda há muito espaço para ganhos em produtividade. Uma eficiência maior poderia evitar inclusive que a pecuária se expandisse em função do desmate da Amazônia, como vem acontecendo no país.

Além disso, a produtividade das plantações da cana vem crescendo com o avanço da biotecnologia. Ou seja, os produtores podem fazer mais etanol sem aumentar seus plantios.

Mesmo porque o preço das terras de algumas regiões de plantio de cana está subindo rápido (Ribeirão Preto, Franca e Bauru, no interior paulista, por exemplo, tiveram uma valorização de mais de 160% entre 2001 e 2006). O mesmo acontece no norte do Paraná.

Isso pode ser, porém, um sinal de que plantar está ficando caro, trazendo risco de aumento no preço dos alimentos no supermercado. Há algum fundamento em ficar preocupado. Hoje não há problema, mas, se as políticas não forem apropriadas, em alguns lugares eles podem aparecer. É bom ficar de olho aberto, diz Schaeffer.

**Estoque regulador de etanol para frear preços** – Sítio eletrônico da CNA – 26/01/2010

Como forma de evitar a alta volatilidade do preço do álcool combustível, agravada nos últimos meses pela oferta apertada do produto, o país deve formar, este ano, um grande estoque regulador de etanol. Para financiar a formação desses estoques, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) deve disponibilizar cerca de R\$ 2,5 bilhões, informou o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes.

– A partir de abril ou maio o mercado deve se regularizar e acredita-se que venha a sobrar etanol, mesmo que a demanda de açúcar continue forte e que haja a possibilidade de fazer a estocagem, porque deve haver excesso de produção – afirmou o ministro.

Segundo Stephanes, as chuvas que prejudicaram a colheita e a qualidade da canade-açúcar no final de 2009 contribuirão para uma produção recorde este ano.

Estocagem Em 2009, os recursos para estocagem já haviam sido ofertados pelo BNDES, mas não houve sobra de etanol. Na época, o montante era suficiente para financiar o armazenamento de cerca de 5 bilhões de litros de combustível, o equivalente a mais de três meses de consumo.

– É bom ter essa margem.

Neste momento, não é que está faltando álcool, mas como a margem está muito apertada, quando a oferta e a demanda estão extremamente ajustadas, o preço às vezes sobe 20% ou 30% – explicou Stephanes.

Assim como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o ministro disse que o setor deve se planejar para que a situação atual não se repita.

– O mercado interno é quem sustenta a indústria do etanol, e há um consumidor a quem se deve lealdade. Quando o preço sobe acima do adequado, significa que não se está sendo muito correto com o cliente. Claro que, nesse caso, houve um fenômeno anormal que foi o excesso de chuvas no período, mas, de qualquer forma, deve-se planejar para evitar isso no futuro – avalia.

De acordo com Stephanes, os financiamentos para estocagem devem ser liberados apenas no segundo semestre.

Há condição de que os preços tenham retornado a um nível adequado, quando na maioria dos estados for vantajoso abastecer com etanol.

Outras medidas que também podem reduzir as oscilações no valor do combustível, segundo o ministro, são a regulação do mercado no sentido de consolidar as compras futuras, com prazos de até dois anos, para que haja uma certa garantia no preço de fornecimento, e a liberação da alíquota para importação de etanol, atualmente em 20%.

– Neste momento, tudo indica que, ao preço que chegou, compensaria importar.

Eu acho que deveria zerar a alíquota e, quando o preço atingisse determinado patamar, o mercado importaria – sugere Stephanes.

Segundo ele, essa medida também teria um “valor simbólico” no sentido de ajudar nas negociações internacionais para liberar mais o mercado de etanol.

Essas questões serão discutidas hoje, de acordo com Stephanes, em São Paulo, em uma reunião entre o ministro da Fazenda, Guido Mantega, representantes do Ministério da Agricultura e da União da Indústria de Canade-Açúcar (Unica).

### **Etanol–entendendo o Mercado e os preços – Marcos Sawaya Jank - Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 22/01/2009**

A principal característica das commodities são as suas incontroláveis flutuações de preços. Salvo no caso do petróleo e derivados, que no Brasil são um monopólio com preços fixados pelo governo, todas as demais commodities vivem permanente volatilidade de preços.

Este é o caso do álcool combustível, o etanol, cujos preços flutuam livremente ao sabor das variações de oferta e demanda.

E verdade que, no passado, o governo já controlou os preços do açúcar, do etanol e de várias outras commodities.

Ha, porém, amplo consenso de que a desregulamentação nos anos 1990 levou a ganhos de eficiência e forte redução de custos de produção, beneficiando toda a sociedade. Acompanhando o rápido crescimento dos veículos flex desde 2003, que hoje já atinge quase 40% da frota total, o etanol superou a gasolina na preferência dos consumidores e tornou-se um notável exemplo para o mundo de substituição de petróleo e de combate ao aquecimento global. Nos três últimos anos, graças à expansão da oferta e aos baixos preços, somados ao reconhecido valor ambiental do produto, o consumo de etanol cresceu fantásticos 78%, ante apenas 3% da gasolina.

Acontece que no final da atual safra alguns fatores produziram uma alta do preço do produto, confirmando a regra da volatilidade. O primeiro fator, muito comentado, porém de baixo poder explicativo, é a alta do preço do açúcar no mercado mundial, causada por quebras de safra nos principais países produtores, dentre eles Brasil e Índia. De fato, as usinas têm alguma flexibilidade para optar pela produção de açúcar ou etanol, porém a “migração” é limitada pela inexistência de fábricas de açúcar na maior parte das novas unidades e pela falta de capacidade ociosa nas mais antigas.

O principal fator que explica a alta recente do etanol tem sido pouco comentado: a crise financeira global, que atingiu duramente o setor. No primeiro semestre de 2009, a falta de liquidez no mercado de crédito forçou boa parte das empresas a desovarem grandes volumes de etanol a preços fortemente deprimidos, abaixo dos custos de produção, para poderem se capitalizar. Isso fez o consumo explodir – quase 30% de aumento em relação ao mesmo período em 2008. Em seguida, as chuvas excessivas do segundo semestre fizeram as usinas ficar o dobro de dias paradas em relação ao usual, comprometendo a produção prevista e os estoques para a entressafra.

Pode-se dizer que o etanol constitui hoje um exemplo de funcionamento correto das forças de mercado, gerando ajustes de preços. O principal pilar de sustentação do sistema é justamente o carro flex, que permite ao consumidor a escolha do combustível em função de seus preços relativos e vantagens técnicas e ambientais. Nenhum país no mundo oferece essa possibilidade de escolha de forma tão ampla e benéfica para o consumidor. E, ao escolher, o consumidor força os ajustes de mercado.

Portanto, a experiência brasileira e o sucesso tecnológico nacional, da competitividade da cana-de-açúcar à eficiência dos motores flex, que conta com um sistema de formação de preços livres que traz benefícios econômicos, sociais, ambientais e de saúde pública.

E pelo menos dois fatores de melhoria estão em andamento.

O primeiro é a retomada do crédito para a formação de estoques reguladores (*warrantagem*), que não funcionou no ano passado por problemas nos balanços das empresas depois da crise de endividamento e falta de liquidez. O segundo foi a recente aprovação, pela Agência Nacional do Petróleo, Gas Natural e Biocombustíveis (ANP), da entrada de novos agentes e a criação de empresas de comercialização no etanol, até então lamentavelmente proibidas pelas regras vigentes no mercado de combustíveis. A volatilidade de preços vai continuar a existir, até porque, ao contrário do petróleo, a produção de cana depende dos humores do clima.

Ela pode, porém, diminuir com a presença dos novos agentes e mecanismos de financiamento, estocagem e comercialização.

Outra variável importante é o comércio exterior. O governo e a indústria estão engajados numa verdadeira cruzada para consolidar o etanol como uma commodity global, que poderá trazer investimentos, empregos, divisas e ganhos para o planeta na questão do clima. O problema é que o mercado de etanol é fortemente protegido no mundo. Os Estados Unidos já estão reconhecendo as vantagens do etanol de cana em relação a outras matérias-primas e a tarifa que incide sobre o produto importado está em debate no Congresso americano e poderá cair até o final deste ano.

Se queremos que o etanol se consolide como uma alternativa energética global, é fundamental que as proteções tarifárias e não-tarifárias sejam derrubadas, inclusive no Brasil, que mantém uma elevada tarifa de importação de 20%, altamente criticada no exterior. Alguns grupos americanos afirmam corretamente que é incoerente o Brasil pedir maior abertura comercial e, ao mesmo tempo, proteger o seu próprio mercado com uma alta tarifa de importação. O pleito do livre comércio não funciona em mão única. Se somos os mais competitivos do mundo, por que não dar o bom exemplo que nos credencia a pleitear a abertura do mercado norte-americano, de longe o principal mercado consumidor da atualidade?

Em suma, nossos 35 anos de história do etanol tiveram grandes solavancos: da intervenção para o mercado livre, o desenvolvimento do carro a álcool, a volta do carro a gasolina, a inovação dos veículos flex. Hoje as motocicletas, as usinas de bioeletricidade e os bioplásticos. No futuro, os ônibus, os caminhões, os aviões, os hidrocarbonetos de cana e a álcoolquímica.

Apesar dos solavancos, este ano causados pela crise financeira e pelo clima, é fundamental continuarmos aprimorando o funcionamento dos mercados e estimulando a mudança tecnológica, a competitividade e a sustentabilidade.

**BNDES cria linha de R\$ 2,5 bi para reservas de etanol** – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/01/2010

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) destinará uma linha de crédito de R\$ 2,5 bilhões para criar reservas de etanol para situações de escassez e alta do preço do álcool combustível.

Segundo o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, as reservas servirão como mecanismo regulador do mercado brasileiro de etanol, que atualmente vive uma alta do preço, diante da redução da oferta afetada pelas chuvas que atingiram a última safra de cana.

“A partir de abril ou maio, o mercado deve se normalizar e acreditamos que até sobre etanol”, comentou o ministro. Diante dessa situação, que aumentou o preço do produto em quase 6% nos últimos meses, o governo decretou uma redução da mistura obrigatória do etanol na gasolina. Essa redução, de 25% para 20%, que passará a vigorar a partir de 1.º de fevereiro, valerá por 90 dias.

Brasil, líder mundial na produção e exportação de etanol de cana-de-açúcar, considerou a possibilidade de importar o produto americano, obtido a partir do milho. O motivo é que o preço do combustível no mercado americano é menor que no mercado doméstico.

“Neste momento, tudo indica que, com o preço a que chegou o etanol, compensaria importar. Acredito que se deveria exonerar o imposto (de 20% à importação de etanol) e, se o preço subir, o mercado então poderá importar”, afirmou o ministro da Agricultura.

Amanhã, o assunto será debatido em reunião de Stephanes com o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e representantes da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Única). Os recursos do BNDES estavam previstos para serem aplicados em 2009, mas o nível de produção ajustado não permitiu a criação de reservas.

**FLEX**

Com a alta do preço do etanol, o abastecimento de veículos com gasolina ficou mais vantajoso. O Brasil tem uma frota de mais de 7 milhões de automóveis flex, isto é, que podem usar tanto álcool quanto gasolina.

Pelo menos 93% da frota nova de veículos leves produzidos no País chegam ao mercado com essa tecnologia. Na semana passada, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um chamado aos empresários do setor de biocombustíveis para que planejem a produção 2010-2011 de cana, pois o governo brasileiro teme que o consumidor troque o etanol pela gasolina.

**Governo reduz mistura de álcool na gasolina** – Humberto Medina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/01/2010

Objetivo é elevar quantidade de etanol no mercado para conter preços; distribuidores estimam que medida encarecerá gasolina

Percentual de álcool na gasolina cai de 25% para 20% em 1º de fevereiro; abastecer com o combustível deixa de ser vantagem em SP

O governo decidiu reduzir a quantidade de álcool misturada à gasolina de 25% para 20%. O objetivo é aumentar a quantidade do combustível renovável no mercado e, com

isso, ao menos conter a alta de preço nos postos. A medida entra em vigor a partir de 1º de fevereiro e vale por 90 dias, até o início da safra de cana-de-açúcar. A modificação produz dois efeitos colaterais: 1) os distribuidores estimam que haverá aumento do preço da gasolina, entre R\$ 0,04 e R\$ 0,05 por litro. Quanto menos álcool na gasolina, mais cara ela fica; na avaliação de técnicos do Ministério de Minas e Energia, haverá alta de 2% no preço do combustível. A **Folha** apurou que a Petrobras sugeriu ontem ao governo reduzir a alíquota da Cide (contribuição que incide sobre combustíveis) para compensar a elevação do valor cobrado dos consumidores. 2) os automóveis a gasolina emitirão mais monóxido de carbono, um gás que polui a atmosfera.

Na avaliação de técnicos do governo, o álcool vai parar de subir. O ministro Edson Lobão (Minas e Energia), no entanto, contradisse os técnicos de sua pasta ao afirmar que a expectativa do governo é que o preço da gasolina caia pela redução do índice de adição de álcool, já que esse último está caro. "O objetivo será sempre [reduzir] na bomba, mas a intenção é que não haja desabastecimento e que os preços não continuem subindo", disse, acrescentando que a redução do álcool na gasolina deverá gerar economia de 100 milhões de litros do produto por mês.

O álcool produzido nas usinas tem dois destinos: o anidro (sem água) é usado na mistura com a gasolina. O hidratado é vendido nos postos para abastecer principalmente os carros flex. Agora, o anidro que deixar de ser misturado à gasolina será transformado em hidratado, o que eleva a oferta e, em tese, contém a alta de preço. "O consumidor precisa se acostumar com o álcool como um combustível sazonal. Entre dezembro e março, é entressafra e o preço sobe", afirmou Alíseo Vaz, vice-presidente-executivo do Sindicom (Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes).

Na avaliação do executivo, o preço do álcool continuará subindo nos postos, mas em um ritmo menor. Ele não vê possibilidade de escassez. "Como o preço é liberado, o consumidor para de comprar se estiver caro. O produto continua à venda. Poderia haver escassez se houvesse um preço fixado."

### **Desvantagem**

Desde o início do ano, já não é mais vantajoso abastecer com álcool em São Paulo. O biocombustível subiu, em média, 5,8% no Estado na primeira semana do mês, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo). Especialistas dizem que só é vantagem usar álcool quando o produto custa até 70% do valor da gasolina. Isso porque a gasolina rende mais -com ela, o carro roda mais quilômetros por litro. Segundo a ANP, o preço do álcool subiu de R\$ 1,670 por litro nas bombas dos postos paulistas, na semana iniciada em 27 de dezembro, para R\$ 1,767 na que começou no dia 3. Com isso, a relação entre o custo da gasolina e do álcool ficou em 71,2%. Em alguns postos da capital paulista, o litro custa R\$ 2. Até a primeira semana de janeiro, de acordo com dados da ANP compilados pela **Folha**, em apenas sete Estados ainda compensava usar o álcool como combustível: Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Tocantins, Paraná, Bahia e Alagoas. Nos dois últimos, porém, a relação está no limite dos 70%. A Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) afirmou ontem, por meio de nota, que a redução da mistura do álcool anidro na gasolina deve respeitar o prazo de 90 dias. Para a entidade, é louvável o fato de o governo ter ouvido o setor e estabelecido um prazo para a vigência da medida.

Os preços do álcool sobem normalmente na entressafra da cana (dezembro a março) e diminuem a partir de abril. Nos últimos meses, no entanto, o aumento tem sido mais forte por conta das chuvas. Como choveu mais do que o esperado, houve atraso na entrada das máquinas para fazer colheita. Além disso, a quantidade maior de água afetou a produtividade da planta e menos álcool foi produzido no período.

### **Veículo a gasolina vai consumir mais – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/01/2010**

#### **DA REDAÇÃO**

Desde 1977, a porcentagem de álcool na gasolina já variou 32 vezes -de 10% até 25%, conforme a necessidade do governo de equalizar a oferta do combustível vegetal e de açúcar. Para especialistas em mecânica, alterações na fórmula da gasolina podem prejudicar o consumo de determinados modelos, como os importados. Os carros flex, concebidos para aceitar qualquer percentual da mistura no tanque, não são afetados com a medida emergencial. "Com a nova fórmula [de 25% para 20% de álcool na gasolina, até maio], os automóveis exclusivamente a gasolina devem "beber" até 2% mais. Já a emissão de poluentes, diretamente relacionada ao consumo, subirá na mesma proporção", calcula Luis Carlos Bouças, técnico da Audi. No entanto, nenhum veículo em circulação precisará passar por ajuste mecânico ou eletrônico.

"Os motores atuais aceitam pequenas variações e não sofrerão perda de desempenho ou de durabilidade", atenta José Edison Parro, presidente da AEA (Associação Brasileira de Engenharia Automotiva). Segundo a lei nº 8.723/ 93, assinada pelo então presidente Itamar Franco, o governo poderá elevar o percentual até o limite de 25% ou reduzi-lo até 20%. Nos EUA, é o álcool que recebe adição de gasolina (para facilitar a partida em dias frios). "Mas, lá, a proporção [85% de álcool e 15% de gasolina] nunca muda", diz Parra. **(FELIPE NÓBREGA)**

### **O preço do álcool – Folha de São Paulo – Opinião – Editorial – 13/01/2010**

DIANTE da disparada do preço do álcool nas bombas, o governo federal tomou a única iniciativa que lhe cabia. A partir de 1º de fevereiro, cada litro de gasolina conterá 20% de álcool anidro -modalidade não hidratada do biocombustível-, e não mais 25%.

O Ministério de Minas e Energia estima que, durante os 90 dias de vigência, a medida redunde na liberação adicional de 300 milhões de litros de álcool -cerca de 7% do consumo trimestral do país. Esse súbito impulso na oferta do álcool hidratado tende a arrefecer a inflação do combustível verde nos postos, que supera 20% em 12 meses, até que a próxima safra, a ser iniciada em abril, normalize a situação. Se o preço do álcool apresenta oscilação natural, dado o ciclo da cana, alguns fatores acentuaram essa tendência. Endividadas e acoissadas pela crise, muitas usinas venderam quantidade excepcionalmente alta de álcool no primeiro semestre de 2009, a fim de

fazer caixa. O preço do biocombustível mergulhou na época, o que e ampliou o efeito "montanha-russa" a seguir: chuvas atípicas, no inverno e na primavera, dificultaram a colheita no segundo semestre e reduziram a oferta esperada de álcool. Além disso, o preço internacional do açúcar -por conta da quebra de safra na Índia e de um movimento de especuladores financeiros- levou produtores a privilegiarem a fabricação do alimento, às custas do combustível. Dois processos em curso -o avanço dos carros flex, no lado do consumo, e a concentração de capital na indústria da cana, na ponta da oferta- atuam para transformar algumas características do mercado brasileiro de álcool, inclusive a sua pungente oscilação de preços. O primeiro, a faculdade de comprar álcool ou gasolina, imporá um limite efetivo contra variações agudas nos preços dos dois combustíveis. O segundo fator, que tende a favorecer a proliferação de seguros financeiros da produção e de investimentos na capacidade de estocagem, atuará no mesmo sentido. Isso, é claro, se o governo mantiver a equidistância dos lobbies do setor e não atrapalhar.

**Biocombustível já chega a R\$ 2,10 em SP** – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/01/2010

O álcool rompeu a barreira dos R\$ 2 por litro em São Paulo e chegou a ser negociado a R\$ 2,10 em alguns postos da capital paulista nesta semana, conforme pesquisa da **Folha**.

Com isso, o álcool perde ainda mais competitividade em relação à gasolina, levando os consumidores mais atentos aos custos a optar pelo derivado do petróleo. O valor médio do álcool nos postos da capital paulista foi de R\$ 1,849 por litro, com alta de 2,4%. Enquanto os preços mantêm o mesmo ritmo de alta das últimas semanas nas bombas, perdem força nas usinas. A pesquisa de ontem do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) da Esalq/USP indicou R\$ 1,1892 por litro de álcool hidratado, com alta de 1,87% sobre a semana anterior. Ao romper a barreira de R\$ 2 por litro neste início de entressafra, o álcool mostra a grande disparidade de preços que registrou durante a safra. Nos momentos de maior oferta pelas usinas, o produto chegou a ser negociado a R\$ 1,09 nas bombas, segundo Plínio Nastari, presidente da Datagro, prestadora de serviços aos setores de açúcar e de biocombustíveis. Crise e clima foram os responsáveis por tamanha disparidade. Sem crédito, e pressionadas pelas contas que venciam, as usinas foram obrigadas a colocar excesso de álcool no mercado para fazer caixa. Com isso, o álcool hidratado chegou a ser negociado a R\$ 0,581 na porta das empresas em junho do ano passado, 51% menos do que o registrado pelo Cepea nesta semana. Diferentemente do que ocorreu em 2009, as variações de preços do álcool hidratado serão menores na safra que começa nos próximos meses, e o consumidor terá no preço do combustível um piso maior. Sem as fortes pressões de caixa de 2009, porque haverá aumento das margens obtidas na comercialização, principalmente com vendas de açúcar, as usinas farão vendas mais controladas do produto. Na avaliação de Nastari, esse aumento de margens permitirá às indústrias não colocar o combustível no mercado com preços inferiores aos custos de produção, como em parte do ano passado. Atualmente, os custos de produção estão em R\$ 0,72 por litro.

Em vez do R\$ 1,09 que o consumidor pagou pelo álcool na bomba em junho de 2009, deverá pagar cerca de R\$ 1,40 no mesmo mês deste ano. "Será uma situação mais saudável", diz Nastari. O consumidor não fica iludido que R\$ 1,09 na bomba seja um preço sustentável e, por outro lado, ficará menos chocado com as variações menores de preço. O presidente da Datagro alerta que a situação de abastecimento nesta entressafra é mais confortável do que a de 2009. O setor chegará ao início de maio com estoques efetivos de 1,35 bilhão de litros, suficientes para 18 dias de consumo -no ano passado, os estoques eram de apenas dez dias. Nastari alerta, ainda, que o mercado de álcool e de açúcar passou a ser livre e que uma das poucas interferências que restam ao governo é a redução da mistura do álcool à gasolina.

Sobre essa última redução, de 25% para 20%, o presidente da Datagro discorda das análises que apontam para alta nos preços da gasolina. O litro do anidro custa R\$ 1,26 nas usinas, e o da gasolina, R\$ 1,06 na refinaria. Esses valores não contêm impostos.

#### **Álcool caro faz venda de gasolina subir 4% - Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/01/2020**

Volume do combustível que Petrobras deixou de exportar para atender ao mercado interno equivale a 25% da produção

Sindicato dos distribuidores prevê que o preço do álcool terá forte pressão até março, o que manterá em alta o consumo da gasolina

PEDRO DA SUCURSAL DO SOARES RIO

A disparada do preço do álcool nos últimos meses provocou crescimento entre 3% e 4% nas vendas mensais de gasolina, o que obrigou a Petrobras a suspender as exportações do derivado de petróleo a fim de evitar um eventual desabastecimento do país. "Já em novembro, mandei suspender todas as exportações de gasolina para colocar o produto no mercado interno", disse à Folha o diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa. Até então, a estatal exportava de 80 mil a 100 mil barris de gasolina por dia -o equivalente a cerca de 25% da produção do combustível. Costa afirmou que a decisão de vetar as exportações também já previa a redução da mistura de álcool à gasolina de 25% para 20% -anunciada nesta semana pelo governo. Com o avanço dos preços do álcool, diz Costa, as vendas de gasolina nas refinarias da estatal começaram a crescer em outubro de 2009 e já sobem atualmente na faixa de 4%. Segundo o Sindicom, entidade que representa as distribuidoras de combustíveis, as vendas aos postos subiram mais claramente a partir de novembro. Naquele mês, avançaram 3%. Em dezembro, o movimento de migração para a gasolina ganhou força e as vendas cresceram ainda mais: 6%. De janeiro a dezembro de 2009, porém, acumularam queda de 1% -que seria mais intensa não fosse a expansão do consumo de gasolina.

Os dados do Sindicom se referem apenas às empresas associadas -as maiores do país, que representam quase 80% do mercado de distribuição. Segundo Alísio Vaz, vice-presidente do Sindicom, há "uma clara tendência de substituição do álcool pela gasolina", já que o biocombustível subiu muito de preço e deixou de ser competitivo em muitos Estados. Para ser vantajoso abastecer com álcool veículos flex, o combustível, como é menos eficiente -roda menos quilômetros por litro-, deve custar até 70% do preço da gasolina. Vaz diz que, até setembro, as vendas de gasolina registravam forte queda -de 5% naquele mês. A reversão dessa tendência veio em outubro, quando o álcool disparou (alta de 11,15% no mês, segundo o IPC-FGV) e o consumo de gasolina começou a avançar -foi de 0,3%. Para o executivo do Sindicom, a tendência é de novos aumentos no preço do álcool, apesar da redução da adição do produto à gasolina.

Alta até março "Até março, os preços ficarão muito pressionados e o consumo de gasolina vai crescer. Os estoques estão muito baixos. Se os preços caírem e as pessoas voltarem a consumir, vai faltar produto no mercado", diz Vaz. Por isso, afirma, os preços do álcool só voltarão a cair em março, quando entrará "produto novo no mercado", originário da safra de cana que tem início naquele mês. Apesar do avanço das vendas de gasolina, as distribuidoras ligadas ao Sindicom também comercializaram mais álcool nos meses finais de 2009. Em novembro, o volume vendido subiu 16% -já num ritmo menor, porém, do que os 26% de alta do acumulado anual. Vaz afirma que os dados do Sindicom estão "inflados" pelo movimento de queda das vendas de álcool "clandestino" -de distribuidoras que sonegam e pirateiam o produto. Uma ação mais rígida da Fazenda paulista trouxe "para a legalidade" um volume expressivo de álcool e impulsionou as vendas das distribuidoras do Sindicom, segundo Vaz.

**O zum-zum do álcool importado** – Vinícius Torres Freire – Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2010

PARECE PIADA ou pelo menos esquisito, mas voltou a conversa de que há empresas dispostas a importar álcool. Sim, o preço está alto. Mas até hoje se discutem, por exemplo, as restrições americanas à importação do produto brasileiro -o problema é vender, não comprar álcool do exterior. Sim, o preço é assunto de curto prazo; a exportação para o mercado americano é um problema estratégico. Ainda assim, é esquisito. Ainda mais porque o álcool viria dos EUA, famosos por subsidiarem a produção de seu álcool careiro. De resto, a gasolina é um substituto quase perfeito para o álcool, pois a frota brasileira é em grande parte "flex". Foi em outubro do ano passado que o zum-zum sobre a importação de álcool ficou audível para o público que não vive o cotidiano desse mercado. Na época, o litro do

álcool na porta das usinas ameaçava chegar a R\$ 1 (preço sem impostos etc.). A história parecia ficção, mas havia chegado aos ouvidos do Ministério do Desenvolvimento e Comércio Exterior.

Foi em outubro também que o governo decretou a cobrança de IOF sobre aplicações financeiras de não residentes ("estrangeiros") a fim de evitar que o real continuasse a se valorizar. Os negociantes que então pensavam em levar adiante o negócio reclamaram do imposto, pois contavam tanto com o aumento de preço do álcool até meados deste ano como com a alta do real (que baratearia o produto importado). Segundo o governo, não houve importação, como ainda não haveria pedido de importação. Mas empresas querem redução da tarifa de importação. O governo não comenta. Desde outubro, o real de fato parou de se valorizar. Porém, o preço do álcool continuou a subir. O preço do litro do álcool hidratado, na porta das usinas, subiu 64% no período (considerada a média semanal dos preços daquele mês comparada à média de janeiro, do Cepea-Esalq). Um experiente ex-diretor da Unica, associação dos usineiros, diz que o negócio "parece um pouco arriscado". Os preços são voláteis, e se desconhece o tamanho da reação do consumidor à carestia do álcool. Alguém pode acabar com um estoque importado a preços não convidativos -isso se achar álcool e frete a um preço bom o bastante para trazer o produto para o Brasil. A história da importação, porém, não é nova. Em 2006, diante de outra onda de alta de preços, o governo baixou temporariamente de 20% para zero o Imposto de Importação de álcool anidro, misturado à gasolina, e para o hidratado, que vai para o tanque dos carros; também baixou a mistura de álcool à gasolina, como agora. Então, os especialistas em álcool, dentro e fora do governo, consideravam a medida inócua -não haveria álcool barato e em quantidade relevante no mercado mundial. O álcool está caro porque a produção baixou. Porque choveu demais, o que atrapalhou a colheita e a qualidade da cana. Porque provavelmente se vendeu mais açúcar, que está com bom preço no mercado mundial, por ora. E o álcool subiu devido ao velho problema dos estoques (piorado neste ano porque no início de 2009 as usinas fizeram jorrar álcool barato no mercado, para fazer caixa). Fazer estoque custa dinheiro, e as empresas estão mal das pernas, incapazes de tomar crédito.

**A novela do álcool, capítulo dois** – Vinícius Torres freire – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/01/2010

LULA DISSE a seus ministros que quer acabar com a "novela do preço do álcool". Mandou a Fazenda e a Agricultura discutirem com os usineiros como levar à prática a antiga ideia de estoques reguladores. Antiga, pois o script da novela do álcool caro é sempre o mesmo e nunca resultou em mais do que remendos. Primeiro remendo, reduz-se a quantidade de álcool misturado à gasolina. Depois, empresários do setor pedem reduções de impostos, inclusive os de importação. A difusão do zum-zum sobre a necessidade de importar o produto, algo bizarro no Brasil canavieiro, serve para pressionar o governo e levá-lo à mesa de reuniões. Foi o que aconteceu em 2006, por exemplo. É o ocorre agora. Desde sexta-feira, Fazenda, Agricultura e empresas conversam sobre o que fazer para dar um jeito nas flutuações excessivas de preço.

No governo federal, discute-se ainda uma nova regulação para o setor, mais ampla e centralizada na Agência Nacional do Petróleo. Os preços continuam a subir. Segundo as cotações do Cepea/Esalq, o litro do álcool hidratado na porta das usinas, sem impostos, subiu mais 1,37% na semana encerrada em 22 de janeiro (o Cepea é o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Esalq, a escola de agronomia da USP). Os preços do álcool anidro e hidratado, porém, estavam baixos em meados de 2009, de abril a agosto, como de costume, mas entre os mais baixos desde 2006. No final do ano, os preços subiram também mais do que a média. De junho a dezembro, a alta foi de 72% em 2009 (ante 10% em 2008 e 12% em 2007). O que aconteceu? "Várias usinas consultadas pelo Cepea que necessitavam de recursos se ressentiram do encolhimento mundial do mercado de crédito e tiveram de aumentar a oferta do combustível para "fazer caixa", aceitando, por vezes, preços menores", diz relatório dos pesquisadores da Esalq/ USP. O governo federal ofereceu crédito para a estocagem de álcool para a entressafra. Os mesmos R\$ 2,5 bilhões que, diz o governo, o BNDES deve novamente oferecer.

O dinheiro seria suficiente para estocar cerca de 5 bilhões de litros de álcool, o consumo de dois ou três meses (logo, o bastante para atender a demanda da entressafra, que vai mais ou menos de fevereiro a abril). Segundo o Cepea, porém, as usinas não conseguiam cumprir os requisitos para liberar o financiamento. Outros conhecedores do mercado, ouvidos pela Folha, dizem que outro motivo do desinteresse é que certas empresas simplesmente não tinham álcool para estocar. A demanda de álcool hidratado cresceu cerca de 25% de 2008 para 2009. Lembre-se que a crise de 2009 pegou as empresas endividadas devido a investimentos em expansão (e aquelas que haviam feito apostas cambiais erradas). Várias usinas assumiram que deixaram de pagar impostos em São Paulo a fim de ter caixa suficiente para sobreviver.

Na Agricultura há apoio à ideia de zerar o imposto de importação do produto, o que é um remendo incerto. O Ministério de Minas e Energia é contra. Defende que o setor seja regulado pela Agência Nacional do Petróleo (atualmente, Agricultura, ANP e Minas e Energia dividem a supervisão); parece ter o apoio do núcleo do governo.

[vinit@uol.com.br](mailto:vinit@uol.com.br)

**Estoque de álcool terá linha de R\$ 2,5 bi – Humberto Medina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/01/2010**

Recursos devem funcionar como capital de giro por usineiros e serão fornecidos pelo BNDES; objetivo é evita forte oscilação de preço

Dinheiro vai permitir que usinas paguem fornecedores e funcionários no início da safra, sem precisar vender grandes quantidade de álcool

O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) deverá destinar aproximadamente R\$ 2,5 bilhões para financiar o estoque de álcool. Os recursos deverão estar disponíveis para os usineiros antes do início da próxima safra, que começa

em abril.  
As definições finais sobre a modelagem da linha de crédito serão decididas pelo CMN (Conselho Monetário Nacional). No desenho que está sendo pensado, os produtores dão como garantia o próprio álcool estocado e só começam a pagar depois da safra. A taxa de juros será diferenciada (TJLP, Taxa de Juros de Longo Prazo, mais baixa do que a dos bancos comerciais), como já acontece com todos os empréstimos do BNDES para o setor produtivo. Na prática, a linha de crédito funcionará como capital de giro para os usineiros. O dinheiro vai permitir que eles paguem seus fornecedores e funcionários no início da safra, sem precisar vender grandes quantidade de álcool para honrar esses compromissos. Para o governo, é essa necessidade de fazer caixa muito rapidamente que deixa os preços do álcool muito baixos no período da safra e muito altos na entressafra. Mantendo o álcool estocado, os produtores terão mais condições de evitar grandes oscilações de preços. Para o consumidor, a adoção da medida tem dois aspectos. Se por um lado não haverá fortes subidas de preço como as registradas nas últimas semanas, por outro, o preço não vai mais ficar tão baixo durante a safra. A tendência é que o preço do álcool oscile pouco, ficando a maior parte do tempo em aproximadamente 70% do valor da gasolina. "É melhor para o consumidor que o preço oscile menos. Além disso, dá para ter uma visão melhor do mercado e descobrir, por exemplo, se está havendo aumento de margem em algum segmento", explicou Marco Antônio Martins Almeida, secretário de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia. Procurada, a Unica (entidade que reúne os produtores de cana de São Paulo) não comentou o assunto.

### **Importação**

O governo decidiu zerar a alíquota do imposto de importação do álcool, hoje em 20%. Com a redução, parte do excesso de oferta do produto nos Estados Unidos poderá ser absorvida pelo mercado brasileiro. Nas contas feitas pelo governo, mesmo com alíquota de 20% em vigor, o álcool importado é competitivo. "A redução da alíquota é uma medida estrutural e foi pedida pelos próprios produtores, porque somos competitivos", explicou Martins. Não cobrar imposto de importação é estratégia para negociar reciprocidade e entrar em outros mercados.

**Usineiros pedem linha de crédito maior** – Humberto Medina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/01/2010

Governo pode emprestar R\$ 2,5 bi para estocagem de álcool contra alta de preço; produtores querem R\$ 3,4 bi

**HUMBERTO**  
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

**MEDINA**

Os usineiros avaliam que, para evitar oscilações de preço do álcool, seria necessário financiar um estoque de 4 bilhões de litros. Com isso, calculam que a linha de crédito deveria ser de aproximadamente R\$ 3,4 bilhões. O governo trabalha com a hipótese de emprestar bem menos, cerca de R\$ 2,5 bilhões.

Além de um maior volume de crédito, os usineiros avaliam que será necessário adotar duas medidas para que a política de manutenção de preços funcione: o prazo para amortização deverá ser longo, de aproximadamente 24 meses, e o BNDES deverá aceitar como garantia apenas o álcool em estoque. "O financiamento do estoque tem que se tornar uma política pública", avalia Antônio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar). Segundo ele, a projeção da necessidade de recursos a serem gastos no financiamento leva em conta um preço do litro do álcool na usina variando de R\$ 0,80 a R\$ 0,90 e o volume total de 4 bilhões de litros para manter o preço estável. Ainda segundo Rodrigues, se o prazo para pagamento não for longo, o financiamento não terá o efeito esperado. "Se o produtor tiver que se desfazer do estoque rapidamente para pagar o banco, o preço vai oscilar." Ele diz que esse tipo de política não deu certo no passado porque, além das questões de prazo, havia dificuldades na garantia. "Mesmo dando um litro e meio de álcool para cada litro financiado, eram exigidas outras garantias que os produtores não tinham como oferecer."

O governo avalia que é necessário financiar os produtores de álcool para evitar fortes oscilações no preço. A variação de preços acontece porque os produtores precisam pagar 70% de seus custos no início da safra e, por isso, ofertam muito álcool. Na entressafra, com menos produto, o preço sobe muito. Na última safra, após os aumentos verificados no início do ano, a variação de preços chegou a 110%. A alta levou a uma redução de 30% no consumo na primeira quinzena de janeiro. Com a linha de crédito, os produtores não precisam vender muito álcool no início da safra para pagar seus custos. Assim, o consumidor tem de abrir mão de preços mais baixos na safra, em troca de não haver aumentos fortes na entressafra. O governo informou que o CMN decidirá as regras gerais do financiamento e que, por enquanto, os detalhes da linha estão em discussão.

## **Biodiesel**

**Diesel com mistura B5 restringe importações e emissões, diz ANP** – Valor Econômico – Agronegócios - 05/01/2010

O Brasil deverá economizar cerca de US\$ 1,4 bilhão por ano com a elevação do percentual de mistura de biodiesel no diesel para 5% (B5), que entrou em vigor em 1º de janeiro. O cálculo, divulgado ontem, é da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Até 31 de dezembro de 2009, o Brasil usava o B4, com 4% de biodiesel.

Estudo realizado pela ANP no fim do ano passado indicou, ainda, que cada litro da nova mistura também diminui em 3% a emissão de gás carbônico na atmosfera, além de reduzir a emissão de material particulado.

A ANP promoveu em novembro o primeiro leilão para atender à demanda que será gerada pelo B5. Foram adquiridos 575 milhões de litros de biodiesel pela Petrobras e pela refinaria Alberto Pasqualini (Refap), controlada pela estatal. Em 2009, a produção nacional de biodiesel chegou a 1,291 bilhão de litros, de acordo com a A

**Palma vê 'campo minado' na economia global** - Sergio Lamucci – Valor Econômico – Brasil - 13/01/2010

A economia global permanece um campo minado, tomada por riscos nada desprezíveis, adverte o economista chileno Gabriel Palma. Professor da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, Palma aponta uma série de desequilíbrios e ameaças ao cenário otimista traçado para 2010 por muitos analistas. Ele cita as bolhas especulativas nas bolsas de valores e no mercado de commodities, a existência de várias "bombas-relógio financeiras" no mundo, com diversos países em situação fiscal delicada, como a Grécia, a fragilidade de boa parte do sistema bancário americano e as incertezas sobre o que ocorrerá quando os bancos centrais dos países desenvolvidos começarem a reverter as políticas de estímulo monetário. "O terreno deverá continuar minado por vários anos. Esta crise será conhecida no futuro mais pela sua duração do que por sua intensidade."

É um cenário global de muita incerteza, que obviamente traz riscos para o Brasil, diz Palma, observando que o país deve experimentar neste ano uma alta substancial do déficit em conta corrente - vários analistas projetam um número superior a 3% do Produto Interno Bruto (PIB). "Não se deve considerar que o financiamento deste déficit será sempre tão fácil como agora", diz Palma, que está no Brasil para participar de um seminário para repensar a macroeconomia e a economia do desenvolvimento, promovido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), em parceria com a Universidade de Cambridge, e com apoio da Ordem dos Economistas do Brasil.

Palma diz não ter dúvidas de que há uma bolha nos mercados acionários. Segundo ele, a alta das bolsas americanas teve como principal combustível o aumento da liquidez proporcionado pela política monetária agressiva, marcada por juros próximos de zero e pelas medidas de relaxamento quantitativo, pela qual o Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA) compra títulos públicos e privados. Isso levou

algumas centenas de bilhões de dólares para as bolsas americanas. "O movimento não é uma resposta racional a melhoras nos EUA e na economia global", diz ele. O eventual estouro dessa bolha, diz ele, teria repercussões sobre a bolsa brasileira, cujos preços também lhe parecem artificialmente inflados.

O economista acredita que muitas commodities subiram de preço em grande parte devido ao excesso de liquidez internacional. "O nível das cotações não pode ser justificado apenas pela demanda da China", afirma ele, dando o exemplo do cobre. O produto está cotado a mais de US\$ 3 por libra, enquanto o preço histórico é de US\$ 1. "É verdade que o consumo chinês é parte do fenômeno, mas a China absorve cerca de 10% do cobre global. Não é motivo suficiente para que as cotações estejam três vezes acima do valor 'normal', já que 90% do restante do consumo está relativamente estancado."

Com preços sustentados por movimentos especulativos, os riscos de oscilações fortes das cotações de commodities aumentam. Para o Brasil, um grande exportador de produtos primários, é um cenário delicado, avalia.

Palma mostra bastante preocupação com o que classifica como "bombas-relógio financeiras". "Há vários 'Dubais' pelo caminho", adverte, em referência ao pedido de renegociação de dívida feito em novembro pelo conglomerado Dubai World, que tem o governo do emirado árabe como principal acionista. O economista lembra que a Grécia, imersa em déficits fiscais elevadíssimos, não é o único país do mundo a enfrentar problemas de endividamento. Irlanda, Espanha, Portugal e alguns países do Leste Europeu também se encontram em maus lençóis. "Há bombas para serem desarmadas."

O professor de Cambridge vê com maus olhos a situação do sistema financeiro americano, que "continua incrivelmente frágil". Segundo ele, grandes bancos americanos estão vivos apenas pela adoção de regras de contabilidade muito frouxas. "A 'contabilidade Enron' [empresa americana que abusava de práticas contábeis fraudulentas e pediu concordada em dezembro de 2001] se tornou quase a norma."

Para completar, há a grande incógnita sobre quando e como os países desenvolvidos vão promover as "estratégias de saída" dos estímulos monetários e fiscais adotados para combater a crise global, lembra ele. O fim do relaxamento quantitativo e a alta de juros vão afetar a liquidez global, o processo que tem sustentado a alta das bolsas e das commodities. A delicada situação fiscal de muitos países ricos, por sua vez, deverá exigir cortes de gastos expressivos nos próximos anos. "E, como vocês bem sabem no Brasil, esses processos de ajuste costumam recair sobre os investimentos."

Como se vê, é um cenário global de muita incerteza, arriscado para um país como o Brasil, que entra numa trajetória de déficits crescentes na conta corrente (transações de bens, serviços e renda com o exterior), diz Palma. Ele acha que o país pode crescer de 5% a 6% neste ano, mas não considera que esse número está dado, como avalia boa parte dos economistas. "O Brasil enfrentou bem a crise, mas não vejo motivos para tanto otimismo com o país."

O mercado interno forte e os preços altos de commodities podem ajudar o Brasil a registrar um crescimento mais elevado do que no período posterior a 1980, ainda que seja elevado para padrões latino-americanos. "Se fosse na Ásia, uma expansão de 5% a 6% causaria preocupação no governo. Na América Latina, nossas expectativas estão tão rebaixadas que uma expansão de 6% é aplaudida de pé."

Palma vê problemas graves no Brasil, criticando o câmbio valorizado, os juros altos e a política fiscal, marcada, para ele, por um baixo volume de investimentos e gastos elevados demais com juros. "Uma coisa a se perguntar é por que o Brasil, num momento em que os preços de commodities estão altos e o crescimento ainda é

moderado, tem uma conta corrente deficitária", afirma ele. Para Palma, os problemas mencionados acima - o dólar barato, o juro alto, a falta de investimento em infraestrutura - ajudam a explicar o fenómeno.

O economista critica duramente o câmbio valorizado, que prejudica as exportações e leva a uma ampliação muito forte das importações. "A adoção de controle de capitais pelo governo foi um passo importante, mas deveria ser mais agressivo", diz ele, referindo-se à taxa de 2% do capital estrangeiro que entra na bolsa ou na renda fixa, definida em outubro. Palma diz que um grande problema do Brasil e de outros países da América Latina é a incapacidade de sustentar o crescimento por períodos longos, como fazem os asiáticos. "Nós somos corredores de 400, 800 metros, eles são maratonistas."

## RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### **Etanol**

**Brasil poderá importar etanol** – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/01/2010

Diante da escalada dos preços do etanol, governo e usineiros começaram a contemplar a possibilidade de importação do combustível dos Estados Unidos.

O tema já foi discutido em reuniões com o governo, que, segundo fontes, teria concordado em zerar a alíquota de importação do produto, hoje em 20%. As importações teriam como objetivo principal garantir o estoque de etanol para a enfrentar a entressafra na produção de cana-de-açúcar.

Do ponto de vista econômico, já vale a pena importar etanol dos Estados Unidos, mesmo com a tarifa de 20%. De acordo com o cálculo do consultor Julio Maria Borges, da Job Consultoria, especializada no setor sucroalcooleiro, o valor do anidro brasileiro nos portos do Nordeste está em torno de US\$ 790 por metro cúbico, ante US\$ 480 por metro cúbico do combustível produzido e comercializado nos Estados Unidos.

“A vantagem é de US\$ 310, o que torna viável a operação mesmo como imposto pago pelo importador”, comenta o consultor.

No Centro-Sul, o preço do anidro está em US\$ 750, e a importação também seria viável, mas com maiores riscos ao importador. Com uma eventual mudança na tarifa, portanto, a vantagem nas importações aumentaria. O pedido para redução da tarifa é antigo, mas ganhou força nas últimas semanas diante do enxugamento da oferta interna.

“Se o consumo continuar no ritmo do fim do ano, na casa de 1,4 bilhão ou 1,5 bilhão de litros por mês, não há estoque suficiente para abastecer o mercado até março, abril”, disse uma fonte do segmento de distribuição de combustíveis.

Nos Estados Unidos, ao contrário, há excedente de oferta neste momento, dizem especialistas. Além disso, destaca Borges, o milho, usado como matéria-prima para o etanol americano, está com o preço em baixa.

#### **ASSUNTO ANTIGO**

O tema foi discutido com o governo na reunião que decidiu pela redução do percentual de anidro na gasolina. Anteontem, esteve na pauta da reunião do conselho da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica), confirmou o empresário e conselheiro da entidade, Maurílio Biagi Filho, lembrando que o pleito para redução da tarifa de importação é antigo. Oficialmente, a Unica admite a possibilidade de importações, mas seu diretor técnico, Antonio Padua, diz que o pedido pela redução da tarifa tem como objetivo dar um passo no sentido de transformar o etanol em commodity internacional.

Os Estados Unidos vão rever este ano a tarifa para importações de etanol brasileiro e, segundo o argumento dos usineiros, a redução da tarifa brasileira abre maiores chances para que os americanos façam o mesmo.

“Seria um movimento importante, para mostrar que um mercado mais aberto é bom para eles também”, diz um executivo de empresa produtora de cana-de-açúcar.

Procurado pela *Agência Estado*, o Ministério da Fazenda informou que ainda não há decisão formal sobre as tarifas. É consenso no mercado que a possibilidade de importações não significa que haverá enxurrada de etanol americano no Brasil. “Trata-se de um problema pontual”, argumenta uma fonte.

Para Borges, o Brasil poderia importar dos Estados Unidos um volume de até 1 bilhão de litros e assim suprir eventuais necessidades durante a entressafra.

O período em que a importação é viável será curto, de acordo com Borges. “As importações devem ocorrer entre janeiro e abril, no máximo.

Depois os preços internos voltarão a cair no Brasil e esta janela de oportunidade vai sumir.” Há no mercado rumores de que algumas empresas estão sondando produtores americanos, mas não há negócios fechados por enquanto.

Desde o início de outubro, o etanol anidro vem sendo comercializado pelas usinas de São Paulo a valores acima de R\$ 1 por litro, sem impostos. Na última semana, atingiu R\$ 1,2892, valor 65% superior ao do mesmo período do ano passado e, sem correção, recorde na série histórica compilada pelo Cepea/Esalq. A alta na última semana indica que a redução do percentual de anidro na gasolina, decidida no início da semana passada, ainda não surtiu efeito. • NICOLAPAMPLONA,

EDUARDOMAGOSSÍ

EGUSTAVOPORTO

### **China liquida reserva de mercado de energia eólica – Raul Justes Lores – Folha de São Paulo – Ciência – 13/01/2010**

Medida facilita acordo global sobre financiamento de tecnologia contra o CO2

Duas usinas elétricas gigantes movidas a vento estão sendo construídas no país, que tem 93% de sua energia vindo de fonte suja

A China acabou com o limite no uso de peças importadas para a montagem de turbinas usadas na geração de eletricidade por energia eólica. O fim da barreira protecionista pretende dar mais impulso à energia renovável e facilitar o acesso à tecnologia estrangeira.

A decisão foi tomada pela poderosa Comissão Nacional de Reforma e Desenvolvimento, o principal organismo de planejamento do país, que revogou a exigência de que 70% das peças das turbinas fossem nacionais, segundo noticiou ontem o jornal "China Business News".

A mudança ajudará "o desenvolvimento da indústria de energia eólica e vai abrir um mercado de concorrência racional", descreve nota da comissão enviada a governos locais. "A limitação estava impedindo a busca chinesa por tecnologias mais avançadas", afirma o comunicado.

Empresas estrangeiras detinham 75% do mercado de turbinas até 2005, quando a barreira foi estabelecida. Em 2009, a participação foi de 25%. A capacidade instalada de energia eólica do país alcançou 20 gigawatts (bilhões de watts) no final de 2009, segundo previsão da agência de notícias Xinhua. Isso faria o país ultrapassar a Espanha, que nos dados consolidados de 2008 foi o terceiro maior produtor de eletricidade por turbinas de vento, atrás de EUA e Alemanha. Cerca de 70% da energia na China, porém, é produzida em termelétricas a carvão, e 23% saem de petróleo e gás natural, o que faz do país o maior emissor de gases do efeito estufa no mundo. Uma abertura maior do mercado chinês a tecnologias de energia limpa pode ajudar a destravar as negociações para financiamento de medidas de corte de

emissão, que terminaram em fiasco na conferência do clima de Copenhague, em dezembro.

A China tem hoje 6% de sua energia oriunda de hidrelétricas, mas menos de 1% do resto de sua matriz é limpa e renovável. O governo tem meta de gerar 15% de sua energia a partir de fontes renováveis até 2020. Dois dos maiores produtores de painéis solares do mundo estão no país. Atualmente estão em construção na China as duas maiores usinas de energia eólica do mundo. A maior será na Província de Gansu, no noroeste, com capacidade de 20 gigawatts a um custo de R\$ 30 bilhões. Em 2020, ela poderá gerar 20 vezes mais energia do que a usina de Roscoe, no Texas, hoje a maior do mundo. A segunda mais poderosa será em Ordos, na Província da Mongólia Interior, norte da China, no deserto de Gobi. Parceria da empresa municipal Nova Energia com a americana First Solar, a usina de 12 gigawatts terá energia eólica, solar e de biomassa. Segundo um estudo publicado em setembro pela revista "Science", o vento que sopra na superpotência asiática poderia dar conta de toda a demanda futura de energia do país até 2030. Para isso, seriam necessários investimentos de US\$ 4,6 trilhões (quase o triplo do PIB brasileiro) em 20 anos, na conta do climatólogo Michael McElroy, da Universidade Harvard, autor principal do estudo.

**Novo laboratório para etanol terá parceiro europeu** – Folha de São Paulo – Ciência  
– 22/01/2010

#### DA AGÊNCIA FOLHA, EM CAMPINAS

O Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol, que será inaugurado hoje pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Campinas (SP), fechou seus dois primeiros acordos internacionais de cooperação científica e tecnológica. A assinatura dos convênios também será feita hoje. Um dos acordos foi firmado com o Imperial College de Londres, e prevê o desenvolvimento de pesquisas conjuntas nas áreas de produção de etanol e de outros produtos a partir do bagaço da cana-de-açúcar. O outro acordo será com a Universidade de Lund (Suécia). Neste caso, serão realizados experimentos para o desenvolvimento de tecnologias de produção de biocombustível a partir da biomassa, com foco para a produção do chamado etanol de 2ª geração -a decomposição do bagaço e da palha da cana em açúcar e o uso deste produto na produção de etanol. O laboratório também assinará um acordo de colaboração com a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) para estudar estratégias agrícolas de produtividade e sustentabilidade da cana. Segundo o diretor da nova instituição, Marco Aurélio Pinheiro Lima, foram investidos R\$ 69 milhões no laboratório -que tem 8.700 m<sup>2</sup> de área. Lima disse que a definição do valor do orçamento anual da entidade ainda está em discussão. O laboratório também ainda não definiu como será a relação com o setor empresarial. "Vamos construir um formato de relação e vamos submeter a elas [empresas] para ver qual a melhor maneira. Vamos conversar com a indústria neste semestre", disse Lima.

**(MAURÍCIO SIMIONATO)**

**Europeus se unem para importar álcool** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/01/2010

DA REUTERS

A fornecedora britânica de biocombustíveis Greenergy International divulgou ontem que formaria uma joint venture com o grupo francês de açúcar e etanol Bauche para fornecer e vender etanol brasileiro sustentável no mercado europeu. A Greenergy, principal importadora de bioetanol brasileiro para o Reino Unido, terá participação de 70% na Greenergy Brasil, e a Bauche, 30%. O novo empreendimento foi realizado visando as novas regras que serão impostas ao final de 2010 ou no início de 2011, sob as quais produtores de biocombustíveis sofrerão punição se não conseguirem demonstrar que seu combustível está cumprindo as normas sociais e ambientais.

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**  
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Cláudia Job Schmitt

**Assistentes de Pesquisa**  
Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**  
Diva de Faria

**oppa** **Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura**

**cpda** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214  
Fax: 21 2224 8577 – r. 217  
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br  
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Apoio



actionaid



Ministério do Desenvolvimento Agrário

